



atos

do conselho geral

ano LXXVI abril-junho 1995

N.º 352

órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana

ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO

Pe. Moisés Marchesi

atos

do Conselho Geral
da Sociedade Salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE DOCUMENTAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

N. 352

ano LXXVI
abril - junho
1995

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 P. Egídio VIGANÓ Como relei hoje o carisma do fundador	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1 P. Luc. VAN LOOY Voluntariado e missão Salesiana 2.2 P. Luciano ODORICO Educar para a dimensão missionária	32 40
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	Não constam neste número	
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1 Crônica do Reitor-Mor 4.2 Crônica do Conselho Geral	52 53
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Dois novos Servos de Deus: Mamãe Margarida e Attilio Giordani 5.2 XVIII Semana de espiritualidade da Família Salesiana 5.3 Novos Inspetores 5.4 Novos Bispos 5.5 O primeiro volume da "Bibliografia Geral de Dom Bosco" publicado pelo ISS. 5.6 Estatísticas do pessoal Salesiano 31-12-94 5.7 Irmãos Falecidos	59 61 64 67 69 71 75

EDITORIA SALESIANA DOM BOSCO

Rua Dom Bosco, 441

03105-020 — São Paulo — SP

Fone: (011) 277-3211

Fax: (011) 279-0329

Telex: 11 32431 ESPS BR

1. CARTA DO REITOR-MOR

Como reler hoje o carisma do Fundador

Introdução - Uma experiência vivida - Duas convicções básicas - Os caminhos a seguir - A reelaboração das Constituições - O espírito do Fundador - Da “missão” à redescoberta do “carisma” - A duração e os atores da releitura - Pontos nevrálgicos no processo de discernimento - Urgência de concretude metodológica - Animação e governo - Uma visita do Espírito do Senhor - Possuímos uma “carta de identidade” válida e atualizada.

Roma, 8 de fevereiro de 1995,
introdução - em Valdocco - da causa
de beatificação e canonização de Mamãe Margarida

Queridos irmãos,

hoje, finalmente, teve início de forma solene, em Turim, na basílica de Nossa Senhora Auxiliadora, o processo oficial de beatificação e canonização de Mamãe Margarida. Em Valdocco, onde ela testemunhou - pode-se dizer heroicamente por bem dez anos - a sua generosa colaboração com o filho João para dar vida ao providencial carisma salesiano da Obra dos oratórios. Sabe o nosso Pai e Fundador quanto isso tenha custado à Mãe e quanto ela mesma tenha contribuído para o sucesso, estilo, ambiente de família, espírito de bondade e sacrifício, que caracterizam ainda hoje toda a instituição salesiana de Dom Bosco. Agradeçamos ao Senhor e rezemos para que a causa possa caminhar positivamente e com rapidez.

Ofereço-vos, por ocasião de data tão significativa, a reflexão sobre um argumento que me foi solicitado para o 20º Encontro do Instituto de Teologia da Vida Religiosa “Claretianum”, aqui em Roma no dia

16 de dezembro de 1994. Deram-me o delicado e importante tema “*A releitura fundacional feita pelos Salesianos*”. O desenvolvimento não foi pensado diretamente para nós, mas em, certo sentido, pode resultar muito útil pensá-lo juntamente com outros consagrados.

Ao apresentar-vos os conteúdos dessa minha conversação entendo convidar-vos a fazer uma atenta consideração de síntese histórico-carismática que sirva para iluminar salesianamente os caminhos de renovação que estamos percorrendo depois do Concílio Vaticano II.

Uma experiência vivida

A ótica desta minha relação é substancialmente a de uma espécie de cronistória repensada. O tema de “como reler hoje” o carisma é desenvolvido com uma ótica “de fato”, não tanto para indicar “como” se deva fazer, quanto para dizer o que fez o meu Instituto. Trata-se de uma experiência que eu vivi pessoalmente desde o Concílio Vaticano II até hoje.

A experiência vivida não é tese a defender, mas realidade de vida - confortada por decênios de experimentação - que pode também oferecer sugestões (em parte comprovadas) para saber reler sempre melhor as próprias origens espirituais.

Duas convicções básicas

A releitura do carisma do nosso Fundador está nos empenhando já há bem trinta anos. Dois grandes fachos de luz nos ajudaram nesse trabalho: primeiro, o *Concílio Ecumênico Vaticano II*, segundo, a *transformação epocal* desta hora de aceleração histórica.

Partimos da convicção que *o Concílio* é uma visita histórica do Espírito Santo à Igreja de Cristo para uma nova hora de sua missão no mundo: o maior acontecimento pastoral do século XX em vista de uma renovação autêntica. Nele devia-se buscar luzes e orientações também para a renovação da Vida Religiosa. Tratava-se de centrar-se sobre pontos estratégicos da grande mensagem conciliar, aprofundá-los, assumi-los e aplicá-los à releitura do nosso carisma.

Procurou-se aplicar, particularmente à luz de quanto dito na *Lumen gentium*, aquilo que o decreto *Perfectae caritatis* solicitava no n. 2: a “*accommodata renovatio*” com suas duas componentes de “retorno às fontes” e “*adaptação às mudadas condições dos tempos*”.

A complementaridade dos dois critérios devia evitar a ameaça de fixismo, de esclerose e de formalismo e, ao mesmo tempo, evitar a ruptura com as origens.

A aplicação desses dois critérios, simples e claros no enunciado, mostrou-se, porém, muito complexa na prática.

A *transformação epocal*, já descrita com aguda percepção prospetiva na Constituição conciliar *Gaudium et spes*, apresentara-se com vigor sobretudo em algumas zonas ocidentais onde nosso Instituto atua com numerosas presenças. Enfrentava-se uma crescente problemática de novidades culturais que influíam fortemente na missão específica do Instituto e também, ao menos em parte, no estilo de vida religiosa. De outra parte, já se notavam impulsos de autenticidade duvidosa, que podiam fazer desviar ou esvaziar um sadio processo de renovação.

A renovação cultural não podia ser excluída e desconhecida, mas devia ser confrontada com a novidade evangélica inerente a um carisma verdadeiro. E isso abria

um horizonte de trabalho muito vasto e delicado. Foi então que se formulou a famosa expressão: “Com Dom Bosco e com os tempos, e não com os tempos de Dom Bosco!”.

O fato de ter consciência clara desse inelutável desafio levou os responsáveis pelo Instituto a dar extraordinária importância ao Capítulo Geral Especial desejado pela Sé Apostólica. Houve o esforço de prepará-lo com seriedade verdadeiramente inédita, com a participação de todas as Províncias e de todos os irmãos. Organizaram-se equipes de especialistas para uma análise bem detalhada dos temas vitais a serem enfrentados e se dispôs também um esboço de reelaboração das mesmas Constituições. Foram redigidos acuradamente um conjunto de bem 20 pequenos volumes para uso dos capitulares. Pensava-se na grave responsabilidade, quase de “refundação”: aquilo que Dom Bosco tinha feito “pessoalmente” deveria ser repensado e reelaborado, em certo sentido, “comunitariamente”, em relação às exigências da transformação epocal e em plena fidelidade às origens.

Muito ajudou, ao lado de estudos históricos, uma análise séria, embora sintética, dos questionamentos das mudanças culturais (secularização, socialização, personalização, libertação, inculturação, aceleração da história, promoção da mulher, etc.).

Jamais se fizera um trabalho tão vasto e realista.

Os caminhos a seguir

A releitura fundacional não podia ser simplesmente um estudo, mais ou menos científico, das fontes, mas discernimento espiritual, feito por discípulos empenhados a partir do interior da mesma experiência vocacional.

É a consideração de quem sabe perceber a alma do próprio Instituto, sua intencionalidade, seus dinamismos, seu modo de seguir Cristo e de trabalhar na Igreja, e de amar os jovens no mundo assim como eles são. O retorno às fontes não devia ser um passeio arqueológico através de documentos antigos, mas uma revisitação dos momentos de fundação e do coração do Fundador em sua experiência original de discípulo do Senhor. Devia ser uma releitura orgânica e dinâmica que implicasse auto-consciência de comunhão com o Fundador, mediante a experiência coletiva de todo um Instituto que através dos tempos compartilhou seu espírito e missão. Era preciso saber harmonizar, com dosagem apropriada, tanto o momento histórico como o teológico e o catrológico.

Foi necessário percorrer caminhos complementares e interdependentes para encaminhar essa releitura procurando, em cada um deles, uma contribuição específica. Os principais caminhos seguidos foram:

a. *O caminho histórico*: o carisma é uma experiência vivida e não uma teoria abstrata. Fez-se, por isso, um sério estudo das fontes que se referem à pessoa do Fundador e à mesma fundação: o contexto cultural e social e seu influxo sobre o Fundador; sua vida e suas obras; as pessoas que tiveram influência sobre ele e com as quais teve especiais contatos; seus escritos, etc.

b. *O caminho experiencial*: adquire importância e concretidade, na releitura fundacional, a experiência vivida pela grande comunidade dos discípulos, os valores que encarnaram a partir da consciência e da responsabilidade da mesma vocação. O caminho de fidelidade constitui uma espécie de “sensus fidelium” congregacional. Faltando a experiência perseverante e fiel dos seguidores do Fundador, arrisca-se a ser sujeitos de contínuas mudanças de identidade, em busca de uma modernização

forçada do carisma segundo a moda do tempo, confundindo o que é caduco com o que é essencial; a deixar o fundador de lado, com o pretexto de que suas finalidades e objetivos já não são atuais,

c. *O caminho dos sinais dos tempos*: o caminho “histórico” e o “experiencial” permitem aproximar-se, com mais sensibilidade e tranqüilidade, também da contribuição dos sinais dos tempos. Como já disse, ignorá-los seria condenar o carisma a permanecer fechado - contra sua natureza - em um museu. Se, de um lado os sinais dos tempos exigem aprofundamentos e adaptações por parte do Instituto, de outro permitem uma compreensão nova e de verdadeira atualidade do dom do Espírito. Ajudam a perceber até para quais horizontes o Senhor impele sua Igreja e seus carismas.

d. *O caminho espiritual*: é um caminho que não exclui nenhum dos anteriores, mas que os unifica e incorpora a partir de uma atitude e uma ótica fundamentais: discernimento da vontade do Senhor, obediência ao seu chamado ao longo da transformação da história. Podem percorrer esse caminho somente pessoas “espirituais”, que cultivem uma especial docilidade ao Espírito. Ele permite ultrapassar o contexto sócio-cultural vivido pelo Fundador, para fazer brotar hoje suas intenções evangélicas com suas intuições fundantes, a ponto de realizá-las no contexto atual e nos novos tempos, e transformá-las em “cultura” de atualidade.

A reelaboração das Constituições

O empenho de reelaborar a fundo o texto constitucional teve um papel importante de concretidade e de guia dos trabalhos em nossa releitura fundacional. De início existiram resistências por vários motivos; e mesmo depois, com o

trabalho já encaminhado, alguém pensava que bastasse retocar aqui e ali as Constituições anteriores. Resultou uma decisão muito sábia a audácia de, na fidelidade, embarcar no repensamento e na reelaboração de tudo.

Evidentemente o delicado trabalho foi impostado seguindo as novas orientações conciliares.¹ Devia-se trabalhar para se chegar a um “Codigo fundamental” no qual descrever com autenticidade a identidade, os valores evangélicos, a índole própria, a dimensão eclesial, as tradições sadias e, também, as indispensáveis normas jurídicas, necessárias para garantir o caráter, fins e meios do Instituto.

Diversamente da normativa anterior, o *Ecclesiae Sanctae* quis que as Constituições renovadas fossem ricas de princípios evangélicos, teológicos e eclesiais; não, contudo, como agregado artificial introduzido exteriormente e a nível teórico, mas como percepção e explicitação emanadas da mesma vivência do Fundador e de todo o seu projeto de vida. Elas deviam conter a síntese integral de um projeto original de vida consagrada, indicando os princípios substanciais com que o Fundador quer que os seus sejam discípulos de Cristo com um determinado senso eclesial.

Era preciso chegar nas Constituições a uma integração harmônica entre inspiração evangélica, criteriologia apostólica e concretitude estrutural, pondo à vista, para além das exigências institucionais, a experiência histórica de Espírito Santo vivida pelo Fundador e por ele transmitida ao Instituto.

Dom Bosco, nosso Fundador, esforçara-se ao máximo para transfundir a sua experiência pessoal nas Constituições (nos limites do que então se podia fazer), para deixar um “testamento vivo” que fosse como espelho refletor das linhas mais características de sua feição es-

1. cf. Motuproprio
*Ecclesiae
Sanctae* II, 12 -
ano 1966.

piritual e apostólica. Ele mesmo, com razão, tinha podido afirmar que “amar Dom Bosco é amar as Constituições”; e, entregando uma cópia delas ao P. Cagliero de partida para a Patagônia como chefe de sua primeira expedição missionária, exclamou com comovida persuasão: “aqui está Dom Bosco que vai convosco”.

Na reelaboração das Constituições, procurou-se justamente, retornar o mais possível à realidade espiritual do Fundador, aos seus escritos mais carismáticos, à sua experiência comprovada, como “modelo” de onde deriva a ótica genuína e a chave indispensável de releitura fundacional.

Esse trabalho não foi fácil; durou mais de um decênio, mas constitui de fato a síntese mais clara e autorizada de nossa releitura fundacional. Tudo isso foi enriquecido com um “*comentário*” autorizado, artigo por artigo, como válido subsídio para a reta interpretação das Constituições. Elaborou-se, também, um “*livro de governo*” - em dois volumes - um para o Provincial e outro para o Superior local - em vista da renovação do exercício da autoridade. Pôde-se também redigir uma apropriada “*Ratio institutionis*” para a formação inicial e permanente dos irmãos.

O espírito do Fundador

Para a reelaboração das Constituições foi dada particular atenção à sua estruturação orgânica, numa visão global e unitária. Um projeto de vida não suporta rupturas que escondam ou prejudiquem o alcance de um plano que é, em si, vitalmente orgânico. Mas, para que isso fosse feito, era necessário que elucidássemos dois conceitos postos à base de tudo: “consagração” e “missão” e suas recíprocas relações. Pode-se dizer que se desencadeou então uma verdadeira batalha capitular; que não se resolveu muito facilmente,

como veremos, mas, no fim, em sua solução encontramos a chave da organicidade.

Entretanto, como elemento independente e basilar (pelo menos para o trabalho que se devia fazer), desejou-se garantir a descrição dos traços mais significativos da fisionomia espiritual do Fundador. No interior dos grandes valores evangélicos, comuns a todos os Institutos de vida consagrada, era preciso saber individuar o estilo quotidiano, as atitudes pessoais e comunitárias, as modalidades de convivência e de trabalho, ou seja aquele clima e atmosfera de casa, que constitui a fisionomia própria; decerto, mesmo nisso era preciso hierarquizar as componentes, porque se tratava de uma releitura em profundidade com um próprio centro propulsor, que não devia tornar-se teoria lógica mas permanecer descrição tipológica.

Foi colocado na importante 1ª Parte do novo texto constitucional um capítulo todo novo de 12 artigos (de 10 a 21) que condensam o que se considerou a substância do “espírito de Dom Bosco”.

O Vaticano II - como já dissemos - convidara os religiosos a concentrar a própria atenção na figura do Fundador, como expressão original da multiforme santidade e vida evangélica da Igreja. Cada Fundador nasceu dEla e para Ela viveu.

Paulo VI recordou a todos: “O Concílio insiste na obrigação, para religiosos e religiosas, de serem fiéis *ao espírito de seus Fundadores*, às suas intenções evangélicas, ao exemplo de sua santidade, vendo nisso *um dos princípios da renovação* em curso e *um dos critérios mais seguros* do que cada Instituto deve eventualmente realizar. Porque, se o chamado de Deus se renova e se diferencia de acordo com as circunstâncias de lugar e de tempo, exige contudo orientações constantes”.²

2. *Evangelica*
testificatio 11-12,
Roma 1971.

Usamos a terminologia “espírito” mais que “espiritualidade”, por fidelidade à historicidade e à vivência do Fundador como “kairòs” que se fez modelo; a “espiritualidade”, diversamente, parece referir-se a conceitos mais abstratos.

O trabalho realizado constitui hoje certamente um dos valores de nossa releitura fundacional; estamos convencidos de agradecer ao próprio Dom Bosco que, falando com humildade do texto constitucional por ele redigido segundo as normativas da época, dizia que o texto podia ser considerado como um “rascunho” daquilo que ele mesmo desejava, mas que seria “passado a limpo” pelos seus filhos.

Concentrar a atenção no espírito do Fundador significava privilegiar a interioridade e as atitudes do coração, ter os mesmos sentimentos com que ele recopiara os de Cristo.

Isso também faz entender o salto de qualidade desejado pelo Concílio na concepção das Constituições: de um texto mais normativo e jurídico, à síntese genial e estimulante da experiência evangélica de um “chefe-de-escola” de santidade e de apostolado.

O espírito do Fundador está certamente ligado também à cultura do tempo; nela se manifesta transcendendo-a, a ponto de constituir um conjunto de traços espirituais possíveis de encarnação em outras culturas. Ele pertence, por isso, à transcendência e à adaptabilidade do carisma. Sua transmissão, porém, não acontece simplesmente com palavras, mas com uma tradição continuada de vida ligada de fato a um longo e delicado processo de sábia inculturação.

Da “missão” à redescoberta do “carisma”

Já acenei ao debate capitular sobre as noções fundamentais de “consagração” e “missão”. O aprofundamento da relação recíproca entre esses dois aspectos vitais esteve no centro de nossa releitura e constituiu uma base para a síntese conclusiva. O Concílio bem interpretado levou-nos a uma convergência convicta e dinâmica.

Iniciados os trabalhos do Capítulo Geral Especial foi estabelecida, entre outras, uma comissão dedicada especificamente ao estudo do “carisma do Fundador”. Ela encontrou grandes dificuldades e, depois de certo tempo, foi dissolvida. Por que?

Os motivos fundamentais foram de duas espécies, entre si contrastantes. Alguns não queriam o estudo do carisma, que poderia abrir o futuro a aventuras arbitrárias; outros, diversamente, não o queriam porque poderia sacralizar elementos culturais e transitórios do século passado. A soma dos dois grupos prevaleceu numericamente; não havia ainda mentalidade suficientemente iluminada a respeito.

É útil recordar também que nos documentos do Concílio jamais se usa a expressão “carisma” do Fundador, embora sejam indicados os elementos característicos da índole própria. O primeiro uso oficial da expressão “carisma” do Fundador é encontrado na Exortação apostólica³ *Evangelica testificatio* de Paulo VI, de 1971. Encontra-se, depois, esclarecimento autorizado mais específico e descrição mais definida no documento *Mutuae relationes* de 1978.⁴

De outro lado, era convicção que, num momento de rápidas mudanças, o aspecto que se fazia mais sentir como questionamento era o da “missão”.

3. cf. *Evangelica testificatio* 11.

4. *Mutuae relationes* 11.

Mas, em que consiste a “missão”? era muito fácil esquecer a sua natureza teológica para restringi-la ao âmbito operativo das atividades. E assim uma mentalidade de tipo “essencialista” afirmava o primado ontológico do tipo de “consagração” que não poucos pensavam que devia preceder e orientar todo o projeto.

Um problema nada fácil, alimentado entre os capitulares de concepções redutivas e impróprias tanto do conceito de “consagração” como de “missão”.

O caminho que nos abriu o sentido autêntico da releitura do carisma foi o de entender o significado desejado pelos Padres conciliares no famoso verbo “consecratur” da *Lumen gentium* n. 44. Foi um trabalho longo e debatido para se chegar a mudar a mentalidade sobre o conceito de “consagração” religiosa.

Antes, ela era identificada com os aspectos mais típicos da interioridade (oração, votos) e se considerava como seu sujeito agente o indivíduo religioso (“eu me consagro”). Isso levava a prescindir do verdadeiro conceito de carisma e a colocar em segunda linha a “missão” com suas exigências, como se se tratasse apenas da ação e das obras e não fosse teologicamente inerente à própria consagração. Isso tudo influiu evidentemente no próprio modo de estruturar as Constituições. Houve um debate muito sofrido para superar esse dualismo entre “consagração” e “missão”, que atingia na raiz a identidade de nossa vocação apostólica.

Muito serviu o que afirma o Concílio no n. 8 do Decreto *Perfectae caritatis* e, sobretudo a consideração de que é Deus o agente ativo tanto da consagração como da missão. Dessa forma repensou-se o significado da Profissão e dela se elaborou uma nova fórmula.

Em particular aprofundou-se o nexó teológico inseparável entre “consagração” e “missão”, dando um sen-

tido renovado a todo o projeto da índole própria e abrindo a possibilidade de repensar a estrutura constitucional. Essa visão de nossa “consagração apostólica” foi sintetizada num artigo das Constituições que diz: “Nossa vida de discípulos do Senhor é uma graça do Pai que *nos consagra* com o dom do seu Espírito e *nos envia* para sermos apóstolos dos jovens. Com a profissão religiosa *oferecemo-nos* a nós mesmos a Deus para caminhar no seguimento de Cristo e trabalhar com Ele na construção do Reino. *Missão apostólica, comunidade fraterna e prática dos conselhos evangélicos são os elementos inseparáveis* da nossa consagração, vividos num único movimento de caridade para com Deus e para com os irmãos. *A missão dá a toda a nossa existência o seu tom concreto*, especifica a tarefa que temos na Igreja e determina o lugar que ocupamos entre as famílias religiosas”.⁵

5. Const 3.

Trata-se, então, de viver uma existência cristã, ao mesmo tempo consagrada e apostólica, ou melhor, apostólica porque consagrada. O dom do Espírito ao professor comporta nele uma “*graça de unidade*” que o torna capaz de uma síntese vital entre a plenitude da consagração e a autenticidade da operosidade apostólica. “Esse tipo de vida - afirma o Capítulo Geral Especial - não é algo de fixo e pré-fabricado, mas um projeto em construção permanente. Sua unidade não é estática, mas unidade em tensão e em necessidade contínua de equilíbrio, revisão, conversão e adaptação”.⁶

6. Atos CGE 127.

Essa graça de unidade, fruto da caridade pastoral, foi recentemente descrita também pelo Santo Padre na Exortação apostólica *Pastores dabo vobis*.⁷ E o mesmo João Paulo II numa alocução feita aos Capitulares do nosso CG23 a 1º de maio de 1990: “Agrada-me - disse - sublinhar, antes de tudo, como elemento fundamental, a *força de síntese unitiva* que brota da carida-

7. cf *Pastores dabo vobis* 23 e 24.

de pastoral. Ela é fruto da potência do Espírito Santo, que garante a *inseparabilidade vital* entre união com Deus e dedicação ao próximo, entre interioridade evangélica e ação apostólica, entre coração orante e mãos operantes. Os dois grandes Santos, Francisco de Sales e João Bosco, testemunharam e fizeram frutificar na Igreja essa esplêndida ‘graça de unidade’. Uma fissura nessa graça abre um perigoso espaço para os *ativismos ou intimismos*, que constituem uma insidiosa tentação para os Institutos de vida apostólica”.⁸

8. Osservatore Romano
no 2.5.90.

Encontramos, nessa visão de síntese vital, a centelha inicial de nossa identidade, que brilha lá onde tudo começa, onde explode a amizade e se ratifica a aliança, onde palpita a graça de unidade. Trata-se do encontro de dois amores, de duas liberdades que se fundem: O “Pai que nos consagra” e “nos envia” e nós que “nos entregamos totalmente a Ele” na aceitação do “envio”. A iniciativa e a possibilidade mesma da aliança apostólica provém de Deus, nessa recíproca fusão de amizade, mas é confirmada por nossas respostas livres: foi Ele quem nos chamou, enviou e ajudou a responder, mas somos nós que nos entregamos e nos fazemos “missionários”.

Para nós, o termo “consagração” sublinhava sobretudo a iniciativa de Deus: é Ele quem consagra! Sabíamos bem que - em seus conteúdos - o próprio termo “consagração” não é de per si unívoco; diferencia-se efetivamente segundo vários níveis de vida eclesial. Não entramos de imediato na consideração dessas diferenciações, deixando para a elaboração das Constituições aquilo que o termo significaria para nós em concreto.

Interessava-nos evidenciar por primeiro o salto de qualidade por parte da iniciativa de Deus: “consecratur a Deo”!

Esse é o salto de qualidade que nos abriu os horizontes.

Fomos levados, nessa ótica de consagração apostóli-

ca, a contemplar também o Fundador: Deus, que o escolheu e guiou, fez da sua existência em missão uma “experiência de Espírito Santo” a ser continuada e incrementada no tempo da Igreja.

Eis-nos, assim, diante de uma visão teologal do “carisma do Fundador”: “*uma experiência do Espírito*”, transmitida e constantemente desenvolvida em sintonia com o Corpo de Cristo em contínuo crescimento... com uma *índole própria* que comporta também um *particular estilo de santificação e de apostolado*”.⁹

9. *Mutuae relationes*
11.

O elemento dinâmico que permitiu amadurecer essa categoria teológica de “carisma” foi justamente o reconhecimento da iniciativa divina na “consagração” como ação específica de Deus. De fato, essa foi uma verdadeira reviravolta conciliar, que fez repensar o significado da Profissão e a obra específica do Fundador. Serviu também para dar o nome de “*vida consagrada*” aos Institutos, que eram antes chamados de “estados de perfeição”.

“Consagração apostólica” e “carisma” tornaram-se, para nós, duas categorias teológicas que se sobrepõem e se permutam reciprocamente. Trata-se com efeito, de uma iniciativa exclusiva de Deus, que não se enfraquece num genericismo descaracterizado, mas consiste numa intervenção peculiar que determina uma missão própria e um projeto evangélico de vida para dar uma fisionomia concreta (“estilo de santificação e apostolado”) ao Instituto.

Pode-se dizer que a visão conciliar de “consagração” comporta uma ótica de iniciativa do Espírito Santo que, aplicada à luta histórica da fundação, manifesta-nos a substância mesma do “carisma” dado, tanto ao Fundador como ao Instituto, que tem como fonte permanente de sua continuidade a profissão religiosa de cada um dos sócios.

Embora tenhamos partido com exclusão temporária da categoria “carisma” em nossa releitura fundacional, nela

aportamos seguramente, através do aprofundamento providencial do acontecimento “consagração” segundo o Concílio.

A duração e os atores da releitura

Podemos considerar, “grosso modo”, quatro etapas pelas quais passou a nossa releitura: o Capítulo Geral Especial e os três sucessivos Capítulos Gerais; trata-se praticamente de duas intensas décadas de trabalho: dos anos '70 aos anos posteriores a 1990.

- *O CG20* (10 de junho de 1971 a 5 de janeiro de 1972: sete meses!) foi o Capítulo “especial” desejado pelo Motuproprio *Ecclesiae sanctae* e a etapa mais longa e trabalhosa de repensamento e reelaboração dos elementos da identidade; continua o Capítulo fundamental de todo o trabalho realizado.

- *O CG21* (31 de outubro de 1977 a 12 de fevereiro de 1978) foi um tempo ulterior de revisão e de consolidação. Completou alguns aspectos peculiares da nossa identidade (como o Sistema Preventivo, o papel do Diretor, a figura do Salesiano Coadjutor) em harmonia com a doutrina e as orientações do Vaticano II, e prolongou por outro sexênio a experimentação das Constituições renovadas.

- *O CG22* (de 14 de janeiro a 12 de maio de 1984) constitui a última contribuição, que leva a termo a experimentação vivida ao longo de dois sexênios e entrega à Congregação as Constituições e Regulamentos de forma renovada e orgânica.

- *O CG23* (de 4 de março a 5 de maio de 1990) diferencia-se dos três Capítulos Gerais anteriores porque propriamente “ordinário”. Os três anteriores pertencem, de algum modo, à categoria do Capítulo Geral “Especial”, por se referirem globalmente à identidade do carisma

com variados argumentos a serem discernidos. O CG23, diversamente, trata só de um argumento concreto, escolhido para intensificar a caminhada de renovação. Pode ser interessante observar que, se os três Capítulos “Especiais” aproam com clareza numa identidade já descrita nas Constituições, o CG23 lança a identidade carismática no campo de uma acelerada evolução *em vista de uma ortopraxis da missão*, recorda-nos que a releitura da identidade não fecha, mas abre a porta com mais coragem, *na busca* de empenhos a serem inventados na nova evangelização. Portanto: uma releitura também em vista de uma melhor busca em favor da missão.

É interessante observar que as quatro etapas constituem, pode-se dizer, *um único processo contínuo e complementar*. Isso significa que o texto reelaborado transcende não só o empenho de grupos restritos de determinados irmãos, mas os de cada um dos quatro Capítulos Gerais. Em cada um deles, separados um do outro por seis anos, mudou de fato uma boa parte dos membros e, a cada vez, foi uma novidade de experiência vivida e refletida; pôde-se atenuar, nos Capítulos que se seguiram, o eventual influxo de elementos anteriores que tivessem sido fruto de consideração circunstancial; uma mais profunda e prolongada reflexão pôde corrigir imprecisões ou eventuais ambigüidades; o tempo fez amadurecer o aprofundamento de aspectos delicados, enquanto a aceleração das mudanças levou a saber distinguir mais claramente os valores permanentes dos caducos, aqueles de identidade dos de extração apenas cultural, aumentando a consciência da dimensão eclesial e mundial do projeto evangélico de Dom Bosco.

Pontos nevrálgicos no processo de discernimento

As Constituições, na visão conciliar do *Ecclesiae sanctae*, deviam ser a apresentação autorizada de um projeto de vida evangélica; pedia-se nelas a indicação dos princípios fundamentais da sequela de Cristo, sua dimensão eclesial, sua originalidade carismática, as tradições sadias e as estruturas adequadas de serviço.

Elas apresentam, de fato, uma integração harmoniosa entre inspiração evangélica e concretidade estrutural. São um documento fundamental do Direito particular da Congregação. Mais do que estabelecer prioritariamente normas detalhadas a serem observadas, elas descrevem principalmente uma modalidade espiritual e apostólica a testemunhar segundo o espírito das Bem-aventuranças. Ajudam a reler o mistério de Cristo na ótica do Fundador, para nós, na ótica salesiana de Dom Bosco. Repensou-se a sua estrutura geral segundo ordenamento e estilo que convidam à leitura orante e estimulam ao empenho de vida. Se quem as medita o “faz na fé”, ou seja, com olhos “novos”, tira delas luz e força.

Foram seguidos alguns critérios orientadores, compartilhados - também após sofridas discussões -, que podem ser considerados como pontos nevrálgicos do caminho percorrido. Além do senso vivo do Fundador, de que já falei, enumero os seguintes:

- *O alcance da profissão religiosa*

A releitura do carisma despertou sobretudo a consciência de uma hora germinal para a vida consagrada, com um empenho global de reinício para lançar de novo o projeto do Fundador. Essa sensibilidade de relançamento trouxe consigo a recuperação do significado vital da Profissão religiosa.

Compreendeu-se que não se pode reduzir a profissão somente à emissão dos três votos, como se fossem idênticos em todos os Institutos de consagração. Não se tratava de escrever nas Constituições uma espécie de pequeno tratado genérico de vida consagrada, mas oferecer uma descrição tipológica daquilo que o Concílio chama de “índole própria” do projeto evangélico professado. Era preciso descrever os traços espirituais e as atitudes existenciais que nos devem distinguir e caracterizar no Povo de Deus. Esses aspectos supõem e exigem, sem dúvida, os elementos constitutivos de toda vida cristã, que temos necessariamente em comum com os demais fiéis e religiosos.

A índole própria é constituída por aspectos e colorações existenciais, descritos e precisados no texto constitucional e assumidos explicitamente na profissão como praxe da sequela de Cristo. Coisa, de fato, nem insignificante nem negligenciável para os professos. Para nós, o modo de ser discípulos e de viver o Batismo é o de praticar nossa “Regra de vida”. Para sermos bons cristãos devemos viver como bons salesianos. “Não existem dois planos - dizia-nos já o CGE -: o da vida religiosa, um pouco mais acima, e o da vida cristã, um pouco mais abaixo. Para o religioso, testemunhar o espírito das bem-aventuranças com a profissão é a sua única maneira de viver o batismo e de ser discípulo do Senhor”.

Na profissão religiosa descobrimos, em definitivo, o significado vivo e global da nossa especial Aliança com Deus.

• *O critério oratoriano*

Refere-se igualmente ao problema dos destinatários: ponto crucial no Capítulo Geral Especial. Dom Bosco teve como prioridade, a obra dos Oratórios com seus destinatários privilegiados. Em nossa releitura do

carisma o primeiro Oratório de Valdocco foi assumido como modelo apostólico de referência. Esse modelo não se identifica com uma determinada estrutura ou instituição, mas comporta uma específica ótica pastoral para julgar as presenças existentes ou a serem criadas.

No centro deste “coração oratoriano” há a predileção pelos jovens, sobretudo os mais necessitados e das classes populares; antes e além das “obras” existem os “jovens”; o discípulo de Dom Bosco deve sentir-se “*missionário dos jovens*”.

A inspiração desse critério ilumina os empenhos eclesiais desejados por Dom Bosco para a Congregação. São eles: a evangelização dos jovens, sobretudo pobres e do mundo do trabalho; o cuidado pelas vocações; a iniciativa apostólica em ambientes populares, particularmente com a comunicação social; e as missões.

A fim de entender com fidelidade os limites desse critério convém ter presentes algumas exigências constitucionais em três diferentes níveis complementares:

- escolha preferencial dos destinatários, jovens pobres e, ao mesmo tempo, aqueles que demonstram germes vocacionais;

- experiência espiritual e educativa do Sistema Preventivo;

- capacidade de convocação de numerosos co-responsáveis escolhidos sobretudo no laicato e entre os próprios jovens.

Trata-se, pois, de um critério complexo mas concreto que nos convida a transcender a materialidade das obras e a entrar no coração de Dom Bosco para julgar e programar segundo o ângulo específico de sua caridade pastoral.

Esse critério, de fato, desembocou, entre outros, num corajoso “*Projeto-África*” que, depois de 15 anos, vê mais de 800 missionários salesianos em 36 países do continente.

- *A dimensão comunitária*

Outro ponto nevrálgico da releitura foi o da dimensão comunitária, intrínseca à vida religiosa, embora - para nós - com peculiar estilo próprio.

Não se tratava, porém, de só intensificar um genuíno “espírito de família” entre os irmãos - muito sublinhado desde as origens -, mas de insistir na comunhão especial de responsabilidade na missão: ela é confiada primeiramente à comunidade, que é seu sujeito responsável.

De aí o modo peculiar de exercer a autoridade, o aspecto comunitário do projeto educativo-pastoral, o empenho de o formular, realizar e rever em comum, de aqui o estímulo para as contribuições pessoais fora de todo individualismo e de toda independência arbitrária. A comunidade é chamada a um contínuo discernimento pastoral para em seguida caminhar unida e fiel na realização apostólica do carisma.

Esse ponto nevrálgico resultou de grande influxo no longo caminho de renovação.

- *A “forma” do Instituto*

A “forma” do Instituto (seja ele “clerical”, “laical”, “misto”, “indiferente”...) comporta alguns traços constitutivos que exprimem e garantem, também juridicamente, a índole própria e caracterizadora do carisma. Ela tem, de fato, uma importância teológica e espiritual na vitalidade e crescimento do carisma: “segundo a nossa tradição - afirmou-se no texto das Constituições - as comunidades são guiadas por um sócio sacerdote que, pela graça do ministério presbiteral e pela experiência sacerdotal, sustenta e orienta o espírito e a ação dos irmãos”.¹⁰

A missão, que dá o tom a toda a vida do Instituto, é de natureza pastoral, e todo o espírito do Fundador brota da caridade pastoral do seu coração sacerdotal.

10. Const 121.

Nosso Instituto não é nem estritamente “sacerdotal”, nem simplesmente “laical”, e nem mesmo propriamente “indiferente”. Os sócios são “clérigos” e “leigos” que vivem “a mesma vocação em fraterna complementaridade”; cada um tem consciência de ser membro co-responsável do “todo”, antes de considerar-se clérigo ou leigo. «Os componentes “sacerdotal” e “laical” da Sociedade não comportam a adição extrínseca de duas dimensões confiadas cada uma a categorias de irmãos diferentes entre si, que caminham paralelamente e somam forças separadas, mas constituem juntos uma comunidade que é, como vimos, o sujeito verdadeiro da única missão salesiana. Isso *exige uma formação original da personalidade de cada sócio*, de modo que o coração do “salesiano-clérigo” sinta-se intimamente atraído e envolvido na dimensão “laical” da comunidade, e o coração do “salesiano-leigo” sinta-se, por sua vez, intimamente atraído e envolvido na “sacerdotal”».¹¹ Essa é uma característica unitária ligada à específica “dimensão secular” do Instituto. Por isso é verdadeiramente importante promover a um só tempo entre nós uma consciência e um crescimento harmônico dos sócios “clérigos” e dos sócios “leigos” no espírito da tradição salesiana.

11. CG22, n. 80.

Pois bem, o serviço da autoridade na Congregação está ligado a essa originalidade da “forma”. Desenvolve uma delicada função de identidade no espírito e de unidade na ação apostólica. Seu papel específico é o de promover e orientar a “caridade pastoral”, centro e síntese do espírito salesiano e alma de toda a nossa atividade. A graça da Ordenação sacerdotal (que é “o Sacramento da caridade pastoral”) enriquece e avaliza sua capacidade de serviço e faz com que um genuíno critério “pastoral” oriente toda a nossa participação na missão evangelizadora da Igreja, que compreende também a promoção humana e a incisividade na cultura.

Trata-se de uma contribuição útil a todos os sócios, porque intimamente unida ao critério oratoriano.

• *A descentralização*

Estávamos convencidos da urgência de saber encarnar, com metodologia flexível, a identidade comum na diversidade das culturas locais. Essa é uma árdua tarefa: exige clareza da identidade na formação, e uma verdadeira sensibilidade e inteligência de discernimento para as diferenças culturais.

Nós nos sentíamos plenamente de acordo com o P. Voillaume: “Manifesta-se hoje uma tendência de questionar a unidade de uma Congregação sob o pretexto de desenvolver as características regionais ou nacionais das fundações. Essa tendência é ambígua. Legítima enquanto reação contra o empenho uniforme de uma expressão unívoca de vida religiosa muito dependente de uma única mentalidade, arrisca-se de forma não menor a pôr em causa uma das características do Reino de Deus, que é o fato de situar-se além de toda cultura, na unidade fraterna do Povo de Deus, que não deveria conhecer nem fronteiras nem raças”.¹²

12. R. VOILLAUME, *La vita religiosa nelle conversazioni di Béni-Abbès*, ed. Città Nuova 1973, p. 95.

Um carisma fechado e inflexível aos valores das culturas esclerosou-se e marginalizou-se em relação ao futuro; mas uma cultura fechada ao desafio dos sinais dos tempos, ao intercâmbio com as demais culturas e à transcendência do mistério de Cristo e do seu Espírito, corre o risco de apresentar-se como simples museu do passado ou como interpretação redutiva da universalidade. Percebe-se aqui o quanto se tornou hoje delicada e empenhativa a atividade formativa no Instituto.

E, ao mesmo tempo, percebe-se quanto seja importante um exercício da autoridade adequadamente descentralizado para garantir nas Províncias e nos grupos de Províncias homogêneas uma concreta possibilidade de inculturação.

- *A Família Salesiana*

Convencidos de que o Fundador lançara o seu espírito e a sua missão mais além do nosso Instituto, e que para ele deixara em herança responsabilidades particulares de animação e coordenação de muitas forças apostólicas, consideramos que o cuidado daquela que se chama “Família Salesiana” é um dos grandes caminhos da nossa renovação.

A “Família Salesiana” é composta de vários grupos instituídos (Institutos de vida consagrada, Associações laicais ou movimentos), que partilham - de formas diferenciadas - o espírito e a missão de Dom Bosco. Resulta de aí um campo vasto e fecundo que vê hoje especiais possibilidades no âmbito do laicato empenhado. Já estamos caminhando decididamente, seguindo as pegadas do Fundador, e queremos intensificar e aperfeiçoar essa opção no próximo Capítulo Geral 24 (1996): “Salesianos e leigos: comunhão e participação no espírito e na missão de Dom Bosco”.

Urgência de concretidade metodológica

A releitura fundacional foi, em si mesma, uma intensa e não fácil busca da nossa identidade carismática. Ficamos contentes pelo que se fez e disso agradecemos ao Senhor.

Devemos acrescentar, porém, que essa tão longa releitura *não fechou o período de busca*: absolutamente. Ou melhor, abriu - ela mesma - uma modalidade de busca ainda mais acelerada e intensa. É como se a releitura fundacional tivesse desencadeado todas as energias à disposição para uma maior significatividade e criatividade apostólica.

Não, portanto, uma leitura terminada e já concluída, mas uma espécie de profecia que relança o processo de

renovação iniciado num duplo trilho de novidade: o da assimilação por todos os irmãos em vista da *renovação espiritual* das pessoas e das comunidades, e o do *envolvimento operativo* no enfrentamento dos desafios da nova evangelização.

Sabendo com mais clareza e segurança “quem” somos hoje na Igreja (= releitura fundacional), sentimo-nos interpelados enquanto portadores de um “carisma de atualidade”. Isso exige a especial capacidade metodológica de projeção e de ação. O caminho que vai da identidade carismática à atualização da missão hoje (da ortodoxia à ortopraxis) é muito complexo. Aqui se concentra todo o grande problema pastoral da Igreja, “novo ardor, nova metodologia, novas expressões”, capacidade de projeção, seriedade da revisão.

Quanto mais clara for a própria identidade de consagrados, tanto mais exigente será a busca de uma dinâmica atualizada do carisma.

É por isso que o nosso primeiro Capítulo Geral “ordinário” de 1990 (CG23), depois dos “Especiais” para a releitura da identidade, teve como preocupação fazer reviver a missão de Dom Bosco hoje para “educar os jovens na fé”.

Percebemos que a estrada é longa e com inúmeras incógnitas, e que a constância nesse caminho pastoral será a melhor comprovação da autenticidade da releitura fundacional.

Sentimos a urgência de promover todo um setor de reflexão teológica que vá mais além das disciplinas da fé fundamentais e clássicas. Trata-se de um tipo de “teologia pastoral”, que se debruce sobre a vida real entrando em diálogo também com as ciências humanas (históricas, antropológicas, filosóficas, sociológicas, pedagógicas, políticas, etc.), levando solidamente em conta as

orientações do Magistério que acompanham a praxe eclesial animada pelo Espírito do Senhor: essa praxe também precede de per si a reflexão científica. Uma mentalidade pastoral precisa de muitas contribuições: ao lado da reflexão teológica de caráter bíblico, histórico, dogmático e litúrgico, deve saber desenvolver uma apropriada metodologia de abordagem, fruto da reflexão pedagógica e metodológica que comporta estratégia de ação, estudo e programação de tempos, modos, itinerário, meios, ou seja, elaboração de projetos nos quais se passe de uma situação desafiadora a uma solução positiva como meta a qual se tende.

Quem vive em missão apostólica sente urgência de qualificar sempre melhor a sua mentalidade pastoral; olha com atenção para o nascimento de centros de séria “teologia pastoral”: teologia “particular”, que não pretende elevar-se como única interpretação do todo, mas que ilumina a praxe. Ela “insere-se na vasta área teológica como parte vital e importante, não, porém, como um todo ou como único critério válido do todo. A ‘pastoral’ não procura mudar a formalidade da teologia; sobretudo, não deve mudá-la quando volta sua atenção e reflexão para algo de concreto, urgentemente vital. Se a urgência de reflexão é precisamente teológica, ou seja, polarizada pela revelação e pela luz do mistério de Cristo sob a orientação do Magistério, seria um grave erro privá-la (como infelizmente aconteceu alguma vez) dessa sua conatural polarização, substituindo-a por uma ótica horizontalista que pretendesse manipular a seu prazer a interpretação do Cristianismo”.¹³

A nossa leitura fundacional levou-nos, assim, a rever e renovar também as estruturas acadêmicas da nossa Universidade Pontifícia, para que tivessem maior proponibilidade pastoral. Garantindo sempre uma séria

13. cf. E. VIGANÓ,
*Per una teologia
della vita consa-
grada*, pp. 21-22,
LDC, Turim
1986.

reflexão teológica, porque é justamente no âmbito de certo entusiasmo dito “pastoral” que se corre também o risco de entrar por estradas não justas, desvinculando-se pouco a pouco da autenticidade do carisma.

Animação e governo

A concretidade metodológica em vista de ação apostólica atualizada e mais incisiva fez surgir em primeiro plano a indispensabilidade de um empenho de formação permanente para todos os irmãos: assumir com clareza a releitura fundacional e estimular cada comunidade a uma capacidade de projeção concreta para a nova evangelização.

Esse amplo empenho mudou o estilo do exercício da autoridade no governo: o segredo desse exercício é a competência na animação. Quantas iniciativas surgiram a respeito! Não se trata de trabalho simples nem de curto prazo, mas absolutamente indispensável; sem ele a releitura fundacional termina na biblioteca.

Constatou-se, assim, que nesta hora de profundas mudanças, o conceito de “formação” tem o seu significado fundamental e prioritário (“*princeps analogatum*”) na *formação permanente*, que toda casa religiosa autêntica torna-se centro de formação e que a formação inicial deve voltar-se para a permanente a fim de preparar os formandos para serem sujeitos capazes e empenhados no embate com os variados e perseguidos desafios do futuro cultural e eclesial.

A mudança epocal chama todos os religiosos a se sentirem de certa forma inscritos num “segundo noviciado” para que renovem a própria profissão religiosa segundo a releitura pós-conciliar.

Com fidelidade ao espírito estimula-se a criatividade na missão com sensibilidade pela multiformidade das

situações e levando o governo a se estruturar e caminhar em vista de um “pluralismo na unidade” e de uma “unidade no pluralismo”.

Uma visita do Espírito do Senhor

Estávamos e estamos convencidos - como já disse - que o Concílio Vaticano II foi uma visita do Espírito do Senhor à sua Igreja; ele veio provocar um salto de qualidade em toda a pastoral, partindo da identidade do mistério da Igreja, de suas relações com o mundo e de sua presença de fermento na história.

Preparamo-nos para a nossa releitura fundacional nesse clima de Pentecostes. Tivemos, sem dúvida, lenti-dões, resíduos pré-conciliares, miopias e temores que prolongaram muito a releitura; quem sabe ainda ficaram cá e lá algumas zonas escuras a serem eliminadas em harmonia com o conjunto; consideramos, porém, com simplicidade de fé, que todo o trabalho feito não se poderia explicar sem a luz, a criatividade, a visão de futuro próprios de uma especial presença do Espírito do Senhor. Olhando para trás, relendo as Constituições renovadas, observando o desenvolvimento da vida do Instituto, suas transformações e sua vitalidade em todos os continentes, cremos que o Espírito Santo, com a intervenção materna de Maria, presenteou-nos com lentes apropriadas e límpidas para bem reler as nossas origens e relançar-nos para o futuro.

Sentimo-nos no Povo de Deus, chamados pelo Espírito a colaborar, através de nossa missão específica, no laborioso caminho eclesial em direção ao terceiro milênio.

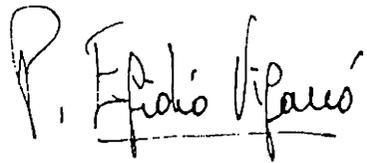
**Temos uma “carta de identidade”
válida e atualizada**

Caros irmãos, agradeçamos e exultemos. O Espírito do Senhor nos iluminou e acompanhou; indicou-nos a via mestra; enriqueceu-nos com um tesouro de vida; tirou-nos das penas da insegurança e dos desvios e garantiu-nos a nossa identidade no Povo de Deus; mas, justamente por isso, abriu-nos um imenso campo de trabalho, onde se deve buscar, labutar, criar, profetizar aquele espírito de iniciativa e de originalidade que caracterizaram as origens apostólicas da nossa missão. Maria nos guie, através da nossa releitura fundacional, ao relançamento do carisma de Dom Bosco em direção às imensas possibilidades e esperanças do terceiro milênio.

Com Mamãe Margarida olhemos para o futuro com intuição e fecundidade maternas.

Com votos de comprometimento.

Cordialmente,



P. Egidio Vigaró

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.1 VOLUNTARIADO E MISSÃO SALESIANA

P. LUC VAN LOOY

CONSELHEIRO GERAL PARA A PASTORAL JUVENIL

A vida da Congregação conhece há tempo a experiência do voluntariado como expressão laical do próprio carisma. Muitas Inspetorias já possuem, em âmbito de serviço educativo ou social, missionário ou de desenvolvimento, uma bela experiência. O Movimento Juvenil Salesiano tem sensibilizado nos últimos anos muitos jovens para o empenho comum com os Salesianos, que encontra saída muitas vezes na disponibilidade de serviço através do voluntariado em suas várias formas, na Inspetoria, na própria nação, em países em vias de desenvolvimento ou em zonas missionárias.

Acena-se ao voluntariado já no documento do Capítulo Geral 21; o CG22 insiste em dar vida ao voluntariado juvenil e salesiano, enquanto o CG23 fala do voluntariado como “empenho e serviço gratuito entre os mais pobres”, no âmbito da orientação vocacional dos jovens (CG23, 252).

Trata-se de uma bela expressão da Família Salesiana, possibilitando a jovens leigos de colaborarem com os Salesianos na missão comum recebida de Dom Bosco.

A gênese do documento-subsídio

Esse fenômeno foi examinado pelo Conselho Geral. Particularmente os dicastérios para a Família Salesiana, para as Missões e para a Pastoral Juvenil deram a própria contribuição. Vários passos foram dados nesse es-

tudo: primeiramente elaborou-se um “pro-memória” ou documento inicial, seguido de uma sondagem nas Inspetorias, para se conhecer as experiências feitas. As respostas à pesquisa relevaram que 27 Inspetorias possuem voluntários no próprio território; 16 Inspetorias enviam voluntários a diversas zonas do próprio país, e 27 Inspetorias enviam voluntários a países em vias de desenvolvimento e/ou às missões. Ao ler as respostas, percebemos que o tema do voluntariado é muito vivo e que se esperava uma certa orientação. Os resultados da pesquisa foram enviados às Inspetorias e, ao mesmo tempo, foi convocado um certo número de salesianos e leigos, com experiência de voluntariado, para um seminário sobre o tema, na Casa Geral. Nesse seminário foram elaboradas linhas e orientações a serem oferecidas através de um documento.

O Reitor-Mor quis avaliar a experiência com o seu Conselho, para poder oferecer orientações a partir da realidade mais do que de uma abordagem teórica. Era preciso esse aprofundamento pela crescente importância que toma o fenômeno na Congregação, a fim de que ele se sintonizasse com a realidade inteira da vida salesiana nos vários ambientes. O estudo indicou que o fenômeno corresponde de fato à intuição de Dom Bosco, que desejava os próprios jovens como parte do processo formativo de outros jovens. Um caminho para viver e exercer o protagonismo juvenil com os Salesianos.

Um passar de olhos no documento

O documento é fruto do trabalho comum de três dicastérios; por isso, diz-se nos primeiros capítulos - é preciso olhá-lo do ponto de vista da pastoral juvenil, da família salesiana e da missionariedade. O voluntariado propõe à Família Salesiana uma modalidade de envolvimento de outras pessoas no carisma e na missão salesiana, enquanto o empenho missionário “ad gentes” propõe modelos de vivência da dimensão laical de forma solidária às necessidades humanas mais urgentes e abre espaços de empenho direto na fronteira da evangelização.

— Após ter considerado anteriormente a identidade do voluntário salesiano, o terceiro capítulo é dedicado à “missão do voluntário”, co-

locando-a no interior das atividades salesianas de tipo educativo-culturais, sociais e evangelizadoras, e chamando a atenção para o estilo comunitário, educativo, solidário e evangelizador, próprio do carisma.

A relação com a comunidade (capítulo quarto) é um aspecto delicado. O voluntário deseja muitas vezes participar da vida da comunidade como já participa da missão. Percebemos, porém, que nem sempre é fácil criar sintonia entre religiosos e leigos. O documento distingue por isso duas modalidades de “convivência”: o modelo integrado e o modelo distinto. Procura-se, no primeiro, inserir o voluntário na maior parte da vida da comunidade, embora deixando espaço necessário para a privacidade de cada um dos componentes, enquanto no modelo distinto os voluntários têm vida e ritmo distintos daquele da comunidade salesiana.

O capítulo da formação talvez forme o núcleo mais preciso, dada sua importância. Desejou-se dar algumas orientações sobre conteúdos, lugares e ambientes onde se quer realizar a formação, como também sobre a formação contínua e permanente. Diz assim o texto: “O voluntariado é como o florescer de uma planta longa e metodicamente cultivada”, para indicar que o sucesso de qualquer caminho de serviço deve estar acompanhado de um processo atento e aprofundado de formação.

O último capítulo do documento trata de algumas estratégias de animação e governo para determinar tarefas e responsabilidades na Inspeção e nas casas, no interior da coordenação pastoral. O documento dá atenção ao fato que o caminho do voluntariado deve ser participado pelos irmãos da Inspeção e da obra. Pede-se também em sua organização uma clara colocação no interior da equipe de pastoral, à qual convergem também os responsáveis dos serviços inspetoriais de pastoral juvenil, família salesiana, missões, etc. Convida-se com insistência a tratar explicitamente do voluntariado no projeto educativo e pastoral da Inspeção, conscientes do fato que se desenvolverá melhor quando for fruto de uma decisão participada dos irmãos e valorizada pelo Conselho Inspeção. Não convém, pois, “delegar” o tema a um pequeno grupo ou a um único irmão, para evitar que se desenvolva um setor paralelo na Inspeção.

Alguns aspectos que tornam precioso o voluntariado

O voluntariado já trouxe à vida das comunidades e das Inspetorias vários efeitos de renovação e de empenho. Quando dizemos que é um “sinal dos tempos” queremos dizer também que corresponde à necessidade das comunidades se renovarem. O CG23 insistiu na redução da distância entre Salesianos, colaboradores leigos e jovens. O voluntariado é uma praxe de empenho comum em vista da mesma missão entre jovens-adultos e salesianos, envolvendo-os no mesmo projeto desde o momento de sua elaboração até sua revisão.

Os elementos que tornam o voluntariado precioso poderiam ser assim expressos:

- renova o espírito juvenil na comunidade, graças à presença de jovens adultos responsáveis;
- leva a comunidade ao conhecimento das urgências de serviço e empenha toda a comunidade salesiana no serviço em postos de fronteira;
- abre os horizontes da comunidade para as novas pobreza, para situações não institucionalizadas, para a busca de respostas novas para desafios novos;
- exige que a comunidade assuma a sua responsabilidade de formadora dos jovens adultos por ela acolhidos, e se empenhe na comunicação dos valores específicos do carisma;
- une a Inspetoria ao redor de um projeto comum de formação dos futuros voluntários e, depois do serviço prestado, de inserção nas várias atividades das casas, servindo-se das experiências feitas por eles;
- abre os olhos dos Salesianos para o discernimento constante dos serviços, da incidência educativa, das perspectivas de vida dos voluntários, dando atenção particular ao seu possível encaminhamento vocacional;
- faz entrar, e se necessário retornar, um estilo de generosidade e, provavelmente em muitos casos, também de simplicidade e de pobreza.

O estilo de vida dos voluntários e o trabalho em ambientes de pobreza obrigam-nos muitas vezes a interrogar-nos sobre nosso estilo de vida, remodelando-o à medida de quanto exige o testemunho nos ambientes de nova pobreza.

Nesse sentido o voluntariado pode exigir também um repensamento de tantos costumes e práticas de nossas comunidades e da administração de nossas obras. Não se trata de um empenho indiferente, o de receber a cada ano novas forças a serem introduzidas em nosso sistema de trabalho e de vida. Cria-se um problema da continuidade do trabalho empreendido, do estilo diverso, da adaptação a caracteres diversos, etc.; mas, ao mesmo tempo, leva-nos à genuinidade da adaptação e da flexibilidade tão típica do nosso estar com os jovens.

O grande bem trazido pelos jovens voluntários é o entusiasmo da própria juventude e a criatividade de suas respostas aos desafios que nos confrontam.

Algumas orientações organizativas propostas no documento

É útil indicar aqui, para conhecimento de todos os irmãos, algumas linhas de comprometimento que se espalham pelo documento. Para dar vida ao movimento do voluntariado nas Inspetorias é preciso o estudo de todo o documento, porque oferece os fundamentos e as motivações que sustentam estas orientações. Limito-me à indicação dos pontos emergentes. Gostaria, porém, de insistir que se tenha nas mãos o fascículo - umas trinta páginas - para entender bem a dimensão do voluntariado.

Eis as orientações fundamentais:

Esteja-se atento para não introduzir o voluntariado como um setor isolado. Diversamente, será preciso *integrá-lo no projeto educativo da Inspetoria e da comunidade educativa*, empenhando de modo particular os setores da pastoral juvenil, da família salesiana e das missões (cfr. n. 2.3.1).

O voluntariado seja uma expressão clara do estilo de animação salesiana e do sistema preventivo (2.2).

Dê-se atenção prioritária à formação do voluntário, cultivando-lhe a maturidade humana, cristã e salesiana (5.2).

** O voluntário*

Participa da opção da Igreja e de Dom Bosco pelos pobres (3.1.1).

Não trabalha individual ou isoladamente, mas a serviço do projeto e da comunidade onde atua (3.3).

Seja capaz de acompanhar os jovens em itinerários formativos, com estilo inspirado no sistema preventivo e respeitando a sua sensibilidade (3.3).

Sinta-se enviado pelo Pai para testemunhar e viver o mandamento novo da solidariedade (3.3).

** A comunidade*

Recebe o voluntário, insere-o no próprio projeto, respeitando sua identidade laical (4.3).

Favorece a inserção do voluntário na vida comunitária (5.5.3).

Procura transmitir a riqueza do espírito salesiano e o estilo da missão juvenil (4.3).

É responsável pela formação e pelo acompanhamento dos voluntários (4.3).

Interessa-se pela inserção do voluntário na comunidade educativo-pastoral (4.3).

A comunidade educativa valoriza o voluntário, concede-lhe espaços de participação e abre-lhe campos de participação (4.3).

** A formação*

Realiza-se em ligação com a Pastoral Juvenil, e compete em primeiro lugar à comunidade local que envia (5.1).

Não se limita a cursos ou encontros de grupo, mas carece de acompanhamento pessoal (5,3).

A comunidade que acolhe garante a presença de um responsável para o acompanhamento como também momentos explícitos de oração e de reflexão (5.6.2).

** A organização*

- A nível local:

O diretor é chamado a estar aberto ao voluntariado e a envolver a comunidade salesiana e a comunidade educativo-pastoral (6.1).

Dê-se o encargo a alguém para animar e coordenar a promoção e formação desses jovens (6.1).

- A nível inspetorial:

Explicite-se o voluntariado no PEPS inspetorial (6.2.1). O Inspetor nomeie um responsável inspetorial do voluntariado no interior da equipe de Pastoral Juvenil (6.2.1).

O Conselho inspetorial seja informado, ajude a refletir, favoreça a disponibilidade do pessoal e o apoio econômico (6.2.1).

A equipe de pastoral crie convergência ao redor do voluntário (6.2.1).

- A nível mundial:

O Conselheiro para a Pastoral Juvenil seja o ponto de referência central para o voluntariado, coordene a comunicação e as intervenções com os Conselheiros para as missões e para a Família salesiana. É ele quem designa o responsável pelo acompanhamento das atividades de voluntariado.

Conclusão

Da mesma forma que Dom Bosco estava atento à realidade de seus tempos e acolhia os fenômenos positivos para o bem dos jovens pobres e abandonados e para o povo, assim também a Congregação quer empenhar-se no voluntariado como expressão de sua missão. O caminho feito até o momento permitiu que muitos jovens adultos se enriquecessem com a experiência de serviço gratuito e trouxessem uma riqueza nova às obras e às Inspetorias. Neste período de intensa reflexão sobre a missão comum de Salesianos e leigos, em preparação ao CG24, essa forma de empenho educativo e social mostra-nos que a Congregação tem capacidade de integrar os leigos na missão e na comunidade.

O documento que o Conselho Geral coloca nas mãos dos irmãos tem a intenção de animar Inspetorias e comunidade para que assumam formas de serviço voluntário na realização da missão. Deverá aparecer em seguida, preparado pelo dicastério da pastoral juvenil, um *dossiê* sobre experiências de voluntariado na Congregação para informar, particularmente os responsáveis, sobre os possíveis caminhos de voluntariado que dão resultado.

Existem várias formas para realizá-lo, como resulta da experiência das Inspetorias que optaram pelo voluntariado:

- fundação de novas comunidades, com Salesianos dispostos a acolher voluntários;
- elaboração de um plano de voluntariado em obras reprojatadas para essa finalidade;
- preparação de candidatos a serem enviados ao exterior ou empenhá-los no próprio país;
- acolhida de voluntários e preocupação com eles conforme o plano inspetorial;
- organização de experiências de férias ou de breve duração, em vista da passagem gradual a iniciativas mais empenhativas (cfr. 6.2.1).

João Paulo II, falando aos jovens em Turim em 1988, assim insistia sobre a necessidade de empenhar-se no voluntariado: “Ouso dizer que um jovem da idade de vocês, que não dê, de uma ou outra forma, algum tempo prolongado a serviço dos outros, não pode dizer-se cristão, tais e tantas são as questões que nascem dos irmãos e irmãs que nos rodeiam”.

2.2 EDUCAR PARA A DIMENSÃO MISSIONÁRIA

P. LUCIANO ODORICO

CONSELHEIRO GERAL PARA AS MISSÕES SALESIANAS

Introdução

Apresento-vos com alegria, na linha de continuidade de propostas e orientações sobre a dimensão missionária da Congregação, algumas reflexões sobre o tema: “*EDUCAR PARA A DIMENSÃO MISSIONÁRIA*”.

Trata-se agora de nos determos brevemente nos conteúdos desse subsídio para a formação dos jovens de nossas obras, em vista das tarefas de animação missionária mais qualificada.

Obviamente as propostas e orientações desse subsídio, que tem por título justamente: “*EDUCAR PARA A DIMENSÃO MISSIONÁRIA*”, dirigem-se antes de tudo aos Inspetores e Delegados inspetoriais de animação missionária. Eles, com efeito, são os primeiros responsáveis pelo envolvimento de salesianos e leigos nesse setor tão essencial da missão salesiana.

Este breve artigo de orientações completa, neste período já pré-capi-tular, os temas propostos nos anos anteriores:

1. - *Os candidatos para as missões salesianas*, em ACG (1991)337, 52-56;
2. - *Sínodo africano e Projeto África*, em ACG (1992)341, 31-37;
3. - *Cooperação na atividade missionária (pessoas e meios)*, em ACG (1993)343, 34-40;
4. - *Formação permanente para os missionários salesianos*, em ACG (1994)348, 38-43.

O subsídio citado já foi enviado a todas as Inspetorias; pode-se, entretanto, fazer um pedido suplementar de outras cópias para eventuais novas necessidades. O texto é proposto em cinco línguas tanto para atingir as geografias sempre mais internacionais da Congregação como também

para dar aos destinatários um instrumento plurilíngüe a ser usado em suas nações e nas nações onde eventualmente animadores e voluntários missionários decidissem fazer experiências missionárias. Esperamos que essa nossa intuição corresponda a necessidades reais.

Esta intervenção do Conselheiro para as missões é oferecida quase ao final do sexênio, após o CG23 e na vigília do CG24. Creio que se trate de uma coincidência providencial, uma vez que o pequeno volume relê e reinterpreta os itinerários de fé e de espiritualidade juvenil salesiana em perspectiva missionária, e oferece conteúdos de educação à missionariedade para os leigos empenhados segundo o espírito salesiano, em linha com o tema do próximo Capítulo Geral.

1. Origens e objetivos

A presente publicação é resultado de dois anos de trabalho e pesquisa, coordenado pelo Dicastério para as missões através de seus colaboradores, em resposta a expectativas explícitas de um subsídio para a animação missionária visando o crescimento de grupos de orientação missionária.

Deram-se intervenções-chaves que estão na raiz da hipótese e do desenvolvimento deste trabalho, ou seja: 1º - *Seminário internacional, 5-7 de fevereiro de 1993*, e 2º - *Encontro Europeu e Norte-americano, 13-16 de maio de 1994* (cfr. “*Educar para a dimensão missionária*”, p.3, ed. it.).

Após esses encontros sucedeu-lhes um trabalho de síntese e recomposição estilística. Sinto, no entanto, o dever de dizer que não se trata de um documento “acabado”, mas de um subsídio teórico-prático para os destinatários já mencionados. Agradeço antecipadamente as eventuais sugestões de aprimoramento e as correções que poderiam chegar, sobretudo depois de um primeiro período de experimentação.

São substancialmente quatro os seus principais conteúdos.

1. Aspectos de missionariedade;
2. Leitura missionária da caminhada de educação da fé;
3. Leitura missionária da espiritualidade juvenil salesiana;
4. Elementos de organização da animação missionária.

Esses conteúdos querem atingir quatro principais objetivos:

- 1º - Revisitar a dimensão missionária no interior de alguns “*aspectos de missionariedade*” diretamente relacionados a essa dimensão;
- 2º - Sublinhar a dimensão especificamente missionária no interior do único itinerário de educação dos jovens para a fé, segundo as áreas de atenção indicadas pelo CG23;
- 3º - Evidenciar a dimensão missionária no interior dos cinco núcleos da Espiritualidade Juvenil Salesiana (CG23, 112-180): deseja-se sublinhar a ligação e dinâmica existentes entre o específico da Espiritualidade Juvenil Salesiana e a ótica missionária que a torna “mais genuína” (Cfr. E. VIGANÓ, ACG 336, 38).
- 4º - Interessar os Delegados inspetoriais da animação missionária no envolvimento dos jovens como animadores do associacionismo missionário e protagonistas qualificados na missão da Igreja.

Esperamos que a consecução desses objetivos, mesmo de modo parcial, ajude a envolver todas as instâncias decisórias e animadoras da Inspetoria na dimensão missionária. Escreveu o P. Viganò que: “*Se a nossa Congregação é missionária, isso quer dizer que seus membros participam de sua responsabilidade; não só os que nela desempenham papel de animação e guia, como também as comunidades locais e cada irmão*” (ACG 336, 39; Cfr. “*Educar para a dimensão missionária*”, p. 7, ed. it.).

2. Apresentação dos quatro blocos de missionariedade

Como se disse acima, o texto apresenta quatro blocos de missionariedade. Eles devem ser vistos como um todo substancial; entretanto, sobretudo por razões pedagógicas, são apresentados como te-

mas separados, como que “acabados”. Isso oferecerá a vantagem do uso pedagógico para a formação dos animadores missionários, mas terá também a desvantagem de apresentar não poucas repetições. Tratou-se de opção metodológica.

2.1 Aspectos de missionariedade

O primeiro capítulo apresenta uma breve abordagem pedagógica dos principais aspectos de missionariedade; eles querem ser o conteúdo prévio e geral de passos sucessivos em vista do itinerário de fé missionária e de espiritualidade missionária.

Gostaria de indicar aquela que considero a chave de leitura ou ponto de partida iluminador desses aspectos de missionariedade. Creio que a chave é a “*EVANGELIZAÇÃO*”: ela é, de fato, anúncio da Boa Nova de Jesus, transformadora de pessoas e de sociedades, palavra e testemunho, experiência de vida e participação, e mensagem dirigida a todas as pessoas de qualquer contexto mundial.

- À luz da evangelização relêem-se os conteúdos de:

* *Mundialidade*, como:

- cidadania cristã global;
- superação positiva e alegre de barreiras e fronteiras;
- aceitação corajosa da unidade na variedade;
- compreensão da inter-dependência mundial dos problemas e das soluções;

* *Inculturação*, como:

- imersão da mensagem cristã de Jesus em contextos culturais diversos;
- aceitação alegre da interação entre proposta cristã e exigências culturais;
- reconhecimento da necessária correção e transformação da cultura na novidade produzida por Jesus;
- reconhecimento do enriquecimento provindo ao cristianismo através das contribuições dessa nova imersão cultural.

* *Desenvolvimento*, como:

- atenção prioritária aos povos ainda não evangelizados, destinatários primeiros do esforço evangelizador dos Salesianos de Dom Bosco (Cfr. *Const.* 30);
- visão integral da evangelização como anúncio explícito de Jesus, educação, cultura e promoção humana, por meio dos vários serviços típicos da ação missionária salesiana (Cfr. *Const. ib.*);
- preferência pelos jovens, pelos pobres e pelos últimos segundo o exemplo de Dom Bosco e segundo as lembranças entregues por ele aos primeiros missionários (Cfr. *Lembranças aos missionários*, 5);
- particular devoção a Nossa Senhora Auxiliadora, como protagonista e ajuda no trabalho de construção do Reino de Deus.

Creio que em base às reflexões anteriores pode-se optar razoavelmente pela evangelização como chave de leitura e eixo de outros aspectos de missionariedade.

2.2 Leitura missionária do caminho de educação na fé

Permito-me propor, também para o segundo capítulo, uma *visão cristocêntrica* como chave de leitura dos quatro blocos do itinerário de fé, lido em perspectiva missionária.

O “*ENCONTRO COM CRISTO*”, à luz da missionariedade significa como meta global: “*Abrir-se ao encontro com Cristo, missionário do Pai, para acolher o seu mandato de ser testemunhas suas em todo o mundo*” (Cfr. *Jo* 17,18; *Atos* 1,8).

Essa meta global evolui através de quatro momentos conexos entre si numa lógica de crescimento até chegar à maturidade em Cristo, primeiro missionário:

- *1º momento*: encontro pessoal com Cristo, missionário do Pai e mestre que chama;
- *2º momento*: acolhida da sua proposta de ir ao mundo inteiro;
- *3º momento*: disponibilidade para ser “enviado” para dar toda a vida por amor;
- *4º momento*: narração alegre dessa experiência.

A partir do “Encontro com Cristo”, relemos:

* *A maturidade humana*, como:

- compreensão da pessoa humana aberta a um crescimento humano-divino;
- aceitação da novidade do outro e dos outros como convite de reciprocidade e de comunhão;
- abertura para Jesus, simbiose admirável de realização humana e divina, meta de toda realização humana.

* *Pertença eclesial*, entendida como:

- aceitação alegre da Igreja como personificação visível e histórica de Cristo;
- inserção numa comunidade cristã evangelizada e em constante processo de evangelização de outras Igrejas nascentes e áreas estritamente missionárias,
- participação na Igreja particular-local em comunhão com todas as Igrejas particulares do mundo para usufruir da riqueza da Igreja universal.

* *Empenho pelo mundo*, compreendido como:

- empenho pessoal e comunitário para a difusão do Reino de Deus no próprio território e no mundo inteiro;
 - aceitação alegre da já acontecida presença do Reino de Deus em Jesus Cristo e da urgência do empenho missionário pessoal, para fazer com que o Reino de Deus se torne realidade completa no espaço e no tempo, aberto à escatologia;
 - aceitação da necessidade peremptória de responder positivamente ao chamado pessoal pelo Reino.
-

2.3 *Leitura missionária da Espiritualidade Juvenil Salesiana*

A visão da espiritualidade em geral e, portanto, também da espiritualidade missionária e salesiana, é a de ressaltar o conhecimento da fé como estilo de vida, interioridade, espaço de ascese e inefável experiência de contemplação.

Permito-me sublinhar no terceiro capítulo, no qual se enfrentam os cinco blocos da Espiritualidade Juvenil Salesiana, a centralidade da “*ESPIRITUALIDADE DA AMIZADE COM O SENHOR JESUS*” como eixo das demais quatro passagens.

Essa *insistência cristocêntrica* tem conseqüências muito importantes a nível de espiritualidade missionária salesiana. De fato, encontramos em Jesus:

- a raiz última do espírito salesiano, entendido como caridade pastoral, caracterizada pelo dinamismo juvenil (Cfr. *Const* 10);
- a fonte e o modelo desse impulso pastoral, ou seja, Jesus como Bom Pastor, apóstolo e missionário do Pai;
- a inspiração da atitude de gratidão filial pelo Pai, na intimidade com o Pai, numa constante e alegre contemplação;
- a predileção pelos pequenos e pelos pobres, a solicitude para pregar, curar e salvar sob a urgência do Reino, tudo isso como conseqüência de sua intimidade com o Pai (Cfr. *Const.* 11).

Jesus Bom Pastor é, portanto, fonte e modelo da espiritualidade juvenil e sobretudo da espiritualidade juvenil salesiana missionária. À luz desse cristocentrismo percebemos a:

* *Espiritualidade do cotidiano*, entendida como:

- o hoje histórico já alcançado em forma salvífica por Jesus, que deu significado à quotidianidade atual e à de todos os tempos;
- a percepção do envolvimento necessário, também de empatia, porque se trata de espiritualidade, com a quotidianidade vivida no território, com o interesse humano e pastoral da quotidianidade de outras nações e outros povos;
- a convicção de que a quotidianidade é a conjuntura espaço-temporal do chamado à santidade de todo jovem, especialmente de jovens com sensibilidade missionária.

- * *Espiritualidade do otimismo e da alegria*, entendida como:
 - alegria pelo crescimento do Reino de Deus nos corações de tantos jovens e pelo crescimento de novas presenças eclesiais e salesianas no mundo,
 - atitude de gratidão pela obra dinâmica do Espírito Santo, que dá novo frescor missionário à Igreja e à Congregação;
 - atitude de humildade alegre por termos sido escolhidos pelo Espírito como instrumentos de difusão da Boa Nova;
 - participação da simplicidade, da alegria e do otimismo dos pobres nos territórios de missão, como resultado da presença do Senhor Jesus entre eles.

- * *Espiritualidade da comunhão eclesial*, entendida como:
 - atitude de contemplação da miraculosa expansão missionária de toda a Igreja no mundo;
 - reconhecimento e participação na Igreja como comunhão com tantas outras Igrejas no único Corpo místico de Jesus Cristo,
 - interiorização da fraternidade eclesial e universal, e do acontecimento carismático da Família Salesiana.

- * *Espiritualidade do serviço responsável*, entendida como:
 - capacidade de discernimento da voz do Espírito em muitos corações generosos de jovens, especialmente para o serviço missionário,
 - experiência de oração pessoal e comunitária como momento privilegiado na decisão vocacional;
 - atitude de alegria, prontidão e perseverança no seguimento da voz do Espírito para o empenho e o serviço responsável na difusão do Reino de Deus.

Concluo esta reflexão sobre o 3º capítulo com a citação de uma frase do Reitor-Mor: “*Existe algo no termo ‘missionário’ que nos envia à raiz da fé e nos faz perceber mais explicitamente o significado mesmo da nossa vocação salesiana*” (ACG 336,4).

2.4 Elementos de organização da animação missionária

O tema da animação missionária, entendida como “*toda atividade voltada à criação, desenvolvimento e manutenção viva da consciência missionária dos jovens e das comunidades*” (“Educar para a dimensão missionária”, p. 45, ed. it.) em nossa Congregação e na Família Salesiana, foi tratado muitas vezes no Dicastério para as missões e em diversas instâncias.

Já o P. Luc Van Looy, Conselheiro Geral para as missões no sexênio anterior, tinha dado a toda a Congregação orientações substancialmente completas sobre conteúdos e metodologia organizativa da animação missionária. Envio-vos portanto ao seu artigo: “*Animação missionária*” (Cfr ACG 323, 36-50).

Referindo-me, agora, ao quarto capítulo do presente documento, gostaria de sublinhar três breves pontos:

1º - *A dimensão missionária como dimensão transversal de toda a missão salesiana.*

No contexto da missão salesiana, voltada especialmente aos jovens e entre eles, os mais pobres, os Salesianos foram chamados a ser “missionários dos jovens”. Isso quer dizer sobretudo:

- entusiasmo pela evangelização,
- preocupação sobretudo pelos últimos, pelos mais distantes,
- estilo missionário de ir na direção dos destinatários e de encontrá-los em seu contexto,
- estilo de vida austera e sacrificada,
- profunda convicção teológica e ascética de ser missionários enviados como Jesus para anunciar a vida nova.

Esses elementos de descrição são os que identificam especialmente o salesiano missionário e o jovem animador missionário. De aí a sua preocupação para que os conteúdos e o estilo missionário estejam presentes de forma transversal em todos os diversos serviços pastorais da vida salesiana.

Assim como não se concebe uma Igreja sem profunda dimensão missionária, de forma igualmente verdadeira não se pode conceber o carisma salesiano que não alimente a animação missionária em todos os setores.

Nestes últimos anos (do CG21 de 1978 até hoje) a Congregação Salesiana tem experimentado um notável crescimento da animação missionária nas diversas Inspetorias. Isso se deu sobretudo pela entrega de muitos territórios missionários a Inspetorias-mães (Cfr. *Projeto África, Projeto Missionário do Sul da Ásia e Oceania, do Leste*).

Essa situação histórica causou uma positiva reciprocidade missionária, que enriqueceu as presenças salesianas originantes ou originadas. Com o crescimento progressivo e irreversível de Circunscrições jurídicas nos territórios missionários, há o perigo de diminuir essa reciprocidade missionária, embora se esteja fazendo de tudo, mediante convenções precisas, para que isso não aconteça. Essa nova circunstância convida-nos a aprofundar o significado e a necessidade da animação missionária.

2º - Contribuição da animação missionária para a orientação vocacional

A pastoral salesiana é sobretudo Pastoral Juvenil Salesiana, uma vez que os jovens são os primeiros destinatários e o ponto de referência da pastoral nos ambientes populares e nas missões.

Este capítulo sublinha sobretudo a conexão íntima entre a proposta do serviço salesiano missionário e a pastoral juvenil voltada para a promoção das vocações.

Existem, de fato, valores comuns às duas, como por exemplo:

- a urgência do Reino, a contemplação, o serviço gratuito;
- o empenho solidário, a transparência da realidade segundo os valores evangélicos, a lógica da semente evangélica, a radicalidade do seguimento de Jesus, etc...

Tanto a experiência centenária da Congregação como a experiência recente dos últimos anos indicam que, para os jovens candidatos ao compromisso vocacional no carisma salesiano, o apelo da opção missionária é muito forte e sentido. De aí, então, a necessidade de um trabalho orgânico entre os respectivos responsáveis desses dois setores de animação.

3º - *Propostas e orientações de animação missionária*

As orientações propostas no último capítulo do documento insistem de forma muito detalhada nas orientações dadas nos últimos anos nos encontros:

* ANIMACION MISSIONERA SALESIANA - *primer encuentro de Delegados inspectoriales de América Latina*, Lima (Peru), 9-10 de fevereiro de 1991;

* LEITURA MISSIONÁRIA de “Educar os jovens na fé. CG23” - *Encontro de Procuradores e Delegados Inspetoriais da Europa*, Groot-Bijgarden, 11-15 de abril de 1991;

* MISSIONARY ANIMATION - *First Meeting of the Provincial Delegates of Missionary Animation for Asia and Australia*, Bangalore (Índia), 7-11 de outubro de 1992).

* EDUCAR PARA A DIMENSÃO MISSIONÁRIA - *Seminário internacional de 5-17 de fevereiro de 1993 e Encontro dos Delegados inspetoriais de Animação Missionária da Europa e América do Norte*, Roma, 13-16 de maio de 1994 (Cfr. “Educar na dimensão missionária”, p. 3, ed. it.).

Permito-me insistir somente num aspecto: *o envolvimento de jovens leigos animadores em todos os níveis da Animação Missionária.*

Essa é uma experiência já comprovada em diversas Inspeções com resultados decididamente positivos. Os jovens, primeiros destinatários da animação missionária, tornam-se progressivamente animadores de missionariedade no próprio ambiente e no próprio território. Recomendo, então:

- progressivo envolvimento de jovens leigos animadores nas Comissões locais, inspetoriais e inter-inspetoriais;

- atenção especial à sua formação permanente especialmente voltada para os conteúdos e métodos da ação missionária,
- progressivo envolvimento em experiências missionárias diretas, mesmo de breve duração;
- adequada direção espiritual para seguir os animadores em seu crescimento vocacional.

Conclusão

Não me resta senão desejar a todos vós um proveito pessoal e pastoral na leitura do subsídio “*EDUCAR PARA A DIMENSÃO MISSIONÁRIA*”. Desejo que os horizontes missionários de vossas Inspeções, tanto no território como “ad Gentes”, contribuam sempre mais para o frescor da autêntica vida salesiana.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1 Crônica do Reitor-Mor

Durante o mês de janeiro, até 3 de fevereiro, a principal atividade do Reitor-Mor, P. Egídio Viganò, foi a de presidir e orientar as reuniões da sessão plenária invernal do Conselho Geral (cf. “Crônica do Conselho Geral”, n. 4.2).

Momento especial de animação foi a Semana de espiritualidade da Família Salesiana, realizada de 25 a 29 de janeiro, durante a qual o Reitor-Mor dirigiu a saudação e os augúrios iniciais, e comentou na conclusão das jornadas a Estréia, sublinhando seus principais pontos ao longo da Semana.

Assinale-se, ainda, no mês de janeiro, a visita ao Reitor-Mor de Bispos salesianos presentes em Roma para as “visitas ad limina”: os Bispos Alexandre Buccolini, Marcello Melani, Giuseppe Pozzi, Augustín Radrizzani, Pietro Rochino, da Argentina; e Dom Jesús Juárez, da Bolívia. Também Dom Tarcísio Bertone esteve em visita ao P. Viganò.

O Reitor-mor esteve em Turim para as festas de Dom Bosco, com dois encontros oficiais: presidir a Eucaristia para a juventude na Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora e inaugurar a nova capela da comunidade da LDC (Leumann). Por ocasião da Eucaristia em Valdocco, P. Viganò encontrou numerosos jovens e convidados para a festa e, depois da bênção da capela na LDC deteve-se longamente com a comunidade.

Recordem-se também dois encontros particulares: oração e Eucaristia no altar do beato Dom Rua, pela saúde do P. Martino McPake, e a visita à comunidade “André Beltrami” de Valsalice: “Com a minha presença, disse o Reitor-Mor numa entrevista a ANS, com minha bengala e meu caminhar um tanto claudicante, queria exprimir aos irmãos anciãos e doentes a minha proximidade e solidariedade com eles”.

Nesse período, com notável sacrifício, o Reitor-Mor deveu submeter-se a tratamento de saúde. De

23 de fevereiro a 4 de março esteve internado numa Clínica para revisões médicas e tratamento.

4.2 Crônica do Conselho Geral

De 1º de dezembro de 94 a 3 de fevereiro de 95, realizou-se a sessão plenária invernal do Conselho Geral (décima desde o início do sexênio), com um total de 30 reuniões plenárias, além dos trabalhos de grupo ou comissões.

Introduzindo a sessão, o Reitor-Mor quis enquadrar os trabalhos à luz do recente Sínodo sobre a vida consagrada, realizado em outubro de 94, e em perspectiva do próximo Capítulo Geral, em cuja preparação o Conselho Geral empenhou-se juntamente com todas as Inspetorias da Congregação.

Como em todas as sessões plenárias, muito trabalho foi dedicado à solução de práticas “ordinárias” das Inspetorias: nomeações nos Conselhos Inspetoriais, aprovação de nomeações de Diretores, aberturas e ereções canônicas de casas (12 novas presenças, 9 ereções canônicas), práticas econômico-administrativas, solução de problemas particulares de irmãos.

O maior empenho, contudo, foi dirigido à nomeação de alguns Inspetores e ao exame das relações das visitas extraordinárias, realizadas nos meses anteriores, juntamente com o estudo de alguns temas importantes para a animação da Congregação.

Eis, em síntese e em ordem, os pontos relevantes dos trabalhos das sessões.

1. NOMEAÇÕES DE INSPETORES

Também nessa sessão o Conselho Geral procedeu à nomeação de alguns Inspetores, com o procedimento usual: exame das consultas inspetoriais e discernimento em sede de Conselho, acompanhado da oração, para chegar à escolha daquele que é tido por idôneo para a orientação e animação da Inspetoria. Estes (em ordem alfabética) os cinco Inspetores eleitos no decurso da sessão: Díez de la Iglesia Isaac, para a inspetoria de Bilbao (Espanha); Flapper Wim, para a inspetoria da Holanda; Flores Reveles Salvador, para a Inspetoria de Guadalajara (México); Ho Pedro (Kwong-Ling) para a inspetoria chinesa (Hong Kong); Vitali Natale, para a inspetoria do Chi-

le. Alguns dados sobre cada um dos inspetores nomeados são apresentados no n. 5.3 deste número dos ACG.

2. *RELATÓRIOS DAS VISITAS EXTRAORDINÁRIAS*

Após as “visitas extraordinárias” realizadas no período agosto-novembro 1994, os respectivos Visitadores apresentaram o próprio relatório, que o Conselho Geral examinou e discutiu, individuando linhas de animação a serem sugeridas pelo Reitor-mor na carta conclusiva. Eis o elenco (em ordem alfabética) das Inspetorias cujos relatórios foram examinados: Argentina, La Plata; Áustria; Chile; Hungria; Índia, Bangalore; Paraguai; Uruguai.

3. *RELATÓRIOS DOS DICASTÉRIOS*

Os Conselheiros encarregados dos diversos setores de atividade apresentaram ao Conselho o relatório dos trabalhos desenvolvidos por eles e pelos respectivos “Dicastérios”, no período agosto-novembro 1994. Da reflexão feita em Conselho após a apresentação dos vários relatórios informativos,

tiraram-se orientações e/ou problemas, que foram ou serão objeto de aprofundamento.

4. *CAPÍTULO GERAL 24º*

Deu-se continuidade também nesta sessão ao compromisso do Conselho Geral na preparação do Capítulo Geral 24º.

Primeiramente, a pedido do Regulador, foram examinadas algumas práticas que interessam ao desenvolvimento do Capítulo Geral, em vista de um parecer ao próprio Regulador. Recordam-se em particular:

a. Proposta de «pesquisa sobre “Salesianos e Leigos” em vista do CG24». O Conselho Geral examinou e autorizou um questionário-pesquisa sobre “Salesianos e leigos”, como instrumento para o próximo Capítulo, que, porém, poderá ser útil para a animação mesmo depois do CG24. Trata-se de uma pesquisa “por amostragem”, cuja realização foi confiada aos especialistas da nossa Universidade Salesiana.

b. Alguns pontos particulares em preparação ao Capítulo, sobre os quais o Conselho Geral apre-

sentou sugestões - válidas para o próprio Conselho e para a Comissão pré-capitular - em vista do melhor desenvolvimento do Capítulo. Os principais pontos tratados foram:

- modalidades de discussão da “*Relação do Reitor-Mor*” no Capítulo (que evidentemente refletiu-se na própria preparação da Relação);

- como redigir o “*documento pré-capitular*” (síntese dos Capítulos inspetoriais e “*instrumentum laboris*”);

- sugestões úteis para a preparação e desenvolvimento das *eleições do Reitor-Mor e do Conselho Geral* em sede de Capítulo.

c. Foi considerado também quanto prescrito pelo art. 124 dos Regulamentos gerais sobre a *informação durante o Capítulo Geral* e o serviço que pode ser prestado por ANS. O Conselho estabeleceu que, preservando a responsabilidade da Comissão capitular para todas as notícias do Capítulo (de acordo com Reg. 124), ANS (com seu pessoal e equipamento) pode ser instrumento técnico e qualificado do trabalho da Comissão.

d. Foram, enfim, indicados alguns critérios para a escolha dos membros da “Comissão pré-capitular” (Reg. 113).

Além das sugestões sobre essas práticas - também técnicas - de preparação ao CG24, que foram entregues ao Regulador, o Conselho Geral começou também uma aprofundada reflexão sobre possíveis “*contribuições*” que o mesmo Conselho pode oferecer aos capitulares, especialmente sobre os problemas que dizem respeito ao governo da Congregação (e que podem também comportar mudanças constitucionais). Entre os temas que o Conselho começou a tratar, assinalam-se particularmente estes dois:

1. Propostas do Conselho Geral sobre a estrutura e seus papéis de Governo central;

2. Eventual reestruturação das Regiões.

Trata-se de dois temas importantes, sobre os quais o Conselho fez uma primeira reflexão, a ser continuada na próxima sessão plenária.

5. OUTROS TEMAS DE ESTUDO

O Conselho refletiu também sobre outros temas surgidos durante as visitas às Inspetorias ou sugeridos por exigências e expectativas das mesmas Inspetorias, em vista da animação da vocação e missão salesiana. Estes os principais temas tratados:

5.1 *O voluntariado salesiano.*

Já na sessão de verão de 1993 (cf. ACG 346, p. 52) o Conselho fez um primeiro estudo sobre “*elementos para um voluntariado salesiano*”, em referência a um documento de trabalho preparado pelos dicastérios da Pastoral Juvenil, Família Salesiana e Missões. Daquele primeira reflexão surgiu a proposta de um “seminário de estudo” sobre o voluntariado, presentes salesianos e leigos, para preparar orientações concretas sobre o tema. O “seminário” foi realizado em julho 1994 e agora o Conselho geral revisou as propostas surgidas, chegando a dar algumas linhas de animação para a Congregação. Em “orientações e diretrizes” deste número dos A.C.G. o Conselheiro para a Pastoral Juvenil apresenta o documento conclusivo (cf. n. 2.1).

5.2 *Presença significativa de coadjutores a nível mundial.*

Referindo-se ao art. 169 dos Regulamentos gerais, que convida a exprimir nos vários níveis a complementaridade de leigos e clérigos, com presenças significativas dos dois componentes da vocação salesiana, o Conselho Geral fez uma análise e, reconhecendo que na Congregação já se deram nisto passos concretos, examinou a forma de atuar sempre melhor o espírito do art. 169, particularmente com a presença de salesianos coadjutores a nível mundial.

5.3 *Início de reflexão sobre os “abandonos”.*

Partindo das estatísticas anuais da Congregação em referência ao fato dos “abandonos” da vocação, especialmente por parte de professos temporários, o Conselho iniciou uma primeira reflexão, visando entender sobretudo as motivações dos abandonos e individuar saídas para se crescer na perseverança. Concluiu-se com a necessidade de fazer uma pesquisa mais profunda e sistemática sobre o argumento, com ajuda de especialistas, para obter orientações também para o currículo formativo.

5.4 "Diante de acusações de abusos e perturbações sexuais"

O Conselho Geral enfrentou esse delicado problema, solicitado pela crescente preocupação das Igrejas - sobretudo em algumas regiões - devido a fatos reais (embora limitados) e também pelo pedido vindo de superiores e formadores de algumas de nossas Inspeções, para obter esclarecimentos a respeito de problemas desse gênero, caso se tivesse que enfrentá-los (entre outras motivações, fez-se notar o anômalo alargamento, em algumas regiões, do conceito de "abuso e perturbação sexual").

Através da pesquisa de um grupo de estudo e, depois, com a reflexão em comum, o Conselho Geral considerou algumas experiências (sobretudo referentes a documentos emanados por alguma Conferência Episcopal), para chegar a sublinhar atitudes práticas tiradas da nossa tradição salesiana e indicar, de modo especial, as linhas a ter presentes tanto no discernimento vocacional como nas etapas formativas, linhas já bem evidenciadas em nossa 'Ratio institutionis'.

primeiro esboço de *subsídio prático para a formação dos Salesianos na comunicação*, preparado pelo dicastério da Formação com o da Comunicação social. Ele foi pensado como um "subsídio" no interior da 'Ratio' durante as etapas formativas dos jovens Salesianos. O esboço, oportunamente completado, será examinado novamente na próxima sessão.

O Conselho Geral deu também o próprio parecer em vista da difusão da *Carta de Comunhão da Família Salesiana*, elaborada com a contribuição dos responsáveis dos vários grupos da Família Salesiana. Expressou também um juízo, com sugestões, sobre o projeto de Constituições dos "Voluntários com Dom Bosco": obviamente cabe aos próprios Voluntários formular o texto definitivo das próprias Constituições.

Como nas sessões plenárias anteriores, deu-se também nessa o *encontro dos dois Conselhos Gerais, FMA e SDB*, realizado na Casa Geral dos Salesianos na tarde de 12 de janeiro de 1995. O tema do encontro foi: "*O caminho de formação permanente das comunidades locais à luz de duas orientações do Sínodo*". As duas orienta-

5.5 O Conselho Geral examinou também durante a sessão, um

ções sobre as quais desenvolveu-se o diálogo, antes nos grupos e depois em assembléia, foram: 1) A dimensão “profética” das comunidades (*Mensagem do Sínodo*, VI): testemunho de valores evangélicos desprezados ou desconhecidos, inculturação do Evangelho através dos valores cristãos e da valorização dos “Semina Verbi”, pobreza, missionariedade; 2) Carisma e inserção na Igreja particular (*Mensagem do Sínodo*, V).

Devem-se recordar ainda durante a sessão, os momentos especiais de oração (dois dias de retiro: um em Roma no dia 6 de dezembro de 1994, e outro no dia 10 de janeiro de 1995 em Loreto, por ocasião das celebrações centenárias da Santa Casa, animado por Dom Francesco Tarcisio Carboni, Bispo de Macerata); deve-se igualmente lembrar o encontro dos neo-inspetores realizado na Casa Geral nos dias 13-23 de dezembro de 1994.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1 Dois novos Servos de Deus: Mamãe Margarida e Attilio Giordani

Dois novos “Servos de Deus” vieram enriquecer nestes meses a árvore da santidade salesiana: Margarida Occhiena, a Mãe de Dom Bosco, e o senhor Attilio Giordani, Cooperador Salesiano. Deles foi oficialmente introduzida a causa de canonização.

O início do processo se deu, para *Mamãe Margarida*, no dia 8 de fevereiro de 1995, em Turim, na Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora, repleta de gente como nas grandes ocasiões. Ao final de uma solene concelebração, presidida pelo Arcebispo de Turim, card. Giovanni Saldarini, com a participação do Bispo Auxiliar de Turim, Dom Piergiorgio Micchiardi, do Bispo emérito de Susa, Dom Giuseppe Garneri e de 120 presbíteros, foi instalado o tribunal diocesano para o processo de beatificação e canonização de

cinco Servos de Deus que viveram na Diocese de Turim. Entre eles, a Mãe de Dom Bosco. Representando a Congregação Salesiana estavam presentes, com inúmeros irmãos, o Conselheiro Regional P. Giovanni Fedrigotti, o secretário do Conselho Geral P. Francesco Maraccani, o superior da Circunscrição Piemonte P. Luigi Testa, o postulador geral P. Pasquale Liberatore e o vice-postulador P. Angelo Viganò, que apresentou um breve perfil de Mamãe Margarida no momento do juramento.

Recordando, particularmente, os anos passados em Valdocco com o filho João, disse o P. Viganò: “Aqui, por dez anos, a sua vida se confunde com a de seu filho e com os inícios da Obra salesiana: é a primeira e principal Cooperadora de Dom Bosco; torna-se, com bondade operosa, o elemento materno do *sistema preventivo*; é, sem o saber, ‘co-fundadora’ da Família Salesiana criadora de santos como Domingos-Sávio e Dom Rua. Ilustrada, mas cheia daquela *sabe-*

doria que vem do alto, foi auxílio para tantos pobres jovens da rua, filhos de ninguém; colocou Deus antes de tudo, consumindo-se por Ele numa vida de pobreza, de oração e de sacrifício”.

O dia 8 de fevereiro foi certamente um grande dia, longamente esperado, para a Família Salesiana. O Reitor-Mor, P. Egídio Viganò, com o seu Conselho, recolhendo o desejo e o testemunho de muitos, havia promovido e cuidado das primeiras etapas de aprofundamento e estudo, chegando depois a pedir ao Arcebispo de Turim para que desse início ao processo canônico.

Mais ou menos dois meses antes desse acontecimento, a 21 de novembro de 1994, tinha início em Milão o processo de canonização de outro Servo de Deus de nossa Família: *Attilio Giordani*, leigo, pai de família, Cooperador salesiano, animador formidável do oratório, falecido em terra brasileira, no Mato Grosso, onde se deixara levar pelo impulso missionário.

O início do processo, com a instalação do tribunal diocesano, aconteceu no Auditório do oratório salesiano de Milão. Presidiu à função de abertura o Arcebispo de Mi-

lão, card. Carlo Maria Martini, presentes os membros do tribunal eclesiástico, o postulador geral P. Pasquale Liberatore, o vice-postulador P. Rino Germani, o secretário do Conselho Geral P. Francesco Maraccani, o inspetor de Milão com todos os membros do Capítulo Inspetorial (significativamente se fez coincidir a data com a sessão inaugural do Capítulo Inspetorial), e numerosas pessoas (perto de mil), entre as quais a esposa de Attilio, seus três filhos, o irmão salesiano P. Camillo e várias outras que o conheceram e admiraram suas virtudes.

O Card. Martini delineou a figura de Attilio Giordani no interior da Família Salesiana: “O Espírito de Deus - disse ele - suscitou na Igreja Dom Bosco pai, mestre e amigo dos jovens; o seu carisma é dom para a Família Salesiana e para toda a Igreja. Attilio Giordani bebeu desse espírito, tornando-se um leigo inspirado no carisma salesiano, *um leigo com o espírito de Dom Bosco*”. Sublinhando particularmente a ação desenvolvida por Attilio como animador do oratório, o cardeal indicou a “caridade” como dom que ele nos legou. “O empenho de caridade, que

é compromisso concreto junto de cada irmão para libertá-lo de todo mal, é empenho pela salvação”.

P. Angelo Vigandò, que conheceu e viveu com Attilio Giordani na obra salesiana de Milão, traçou um perfil incisivo da sua figura de educador salesiano. “Quem o conheceu de perto - disse, entre outras coisas - lembra-se dele como educador com estilo de Dom Bosco, como animador de rapazes e de jovens, como organizador de encontros juvenis oratorianos, como membro ativo da Ação Católica, portador de uma espiritualidade atualíssima entre a juventude e ambientes populares”. A opção final, de ir ao encontro do filho Piergiorgio que fora trabalhar entre os pobres com a “Operação Mato Grosso”, “é a lógica de todo um projeto de vida sempre missionário”.

5.2 XVIII Semana de espiritualidade da Família Salesiana

Realizou-se em Roma, no “Salesianum”, de 25 a 29 de janeiro de 1995, a XVIII *Semana de espiritualidade da Família Salesiana*, promovida pelo Reitor-

Mor, através do dicastério da Família Salesiana, com a colaboração de docentes da Faculdade de Ciências da Educação da Universidade Pontifícia Salesiana.

Como de costume, o tema da Semana foi a *Estréia* do Reitor-Mor para 1995, há pouco iniciado: “*Chamados à liberdade (Gl 5,13), redescubramos o Sistema Preventivo educando os jovens para os valores*”. O tema centrou-se particularmente ao redor do *Sistema Preventivo*, revisitado em suas intuições originais, com a ajuda de especialistas, para projetá-lo no hoje, qual resposta aos desafios da educação na cultura e na sociedade em que vive a juventude contemporânea. Não podia faltar, obviamente, a referência bíblica e sapiencial, a partir do momento em que a *Estréia* se refere, de imediato, à liberdade como valor cristão proposto pela mesma palavra de Deus.

A atualidade do tema pode ser percebida também pelo denso número de participantes - mais de 140 - vindos de 13 grupos da Família Salesiana, que deram a própria válida contribuição na animação dos momentos de oração e de fraternidade e, sobretudo, no trabalho dos grupos aos quais foi en-

tregue a tarefa de tirar as conclusões práticas da Semana. Esta foi orientada pelo Conselheiro para a Família Salesiana, P. Antonio Martinelli, auxiliado pelo P. Giovanni Battista Bosco, Moderador das reuniões em assembléia. Presentes o Reitor-mor P. Egídio Viganò, ao menos em alguns momentos, e a Vigária Geral das FMA, Madre Rosalba Perotti.

Apresentamos algumas notícias do andamento dos trabalhos.

A “Semana” teve início na noite da quarta-feira 25 de janeiro com a acolhida e um primeiro intercâmbio fraterno entre os participantes.

Os trabalhos tiveram início no dia seguinte, quinta-feira 26 de janeiro, com a saudação e os augúrios do Reitor-Mor, a que sucedeu uma intervenção introdutória do Conselheiro para a Família Salesiana sobre o significado e objetivos da Semana.

Seguiu-se a primeira relação, feita pelo prof. P. Carlo Nanni, docente da UPS, sobre o tema: *A cultura da educação hoje: quadro de referência*. O relator ofereceu, de início, uma visão do contexto da educação hoje, como referência concreta em que colocar, depois, no desenvolvimento dos trabalhos, o Sistema Preventivo.

Seguiu-se, após a conversação em assembléia, o trabalho de grupo, ao qual estavam confiados - como se acenou - o aprofundamento e a individualização de propostas práticas de ação. Entre as questões, colocavam-se estas: quais os desafios da cultura contemporânea ao Sistema Preventivo: em suas afirmações teóricas; na prática; a nível mundial e nas situações particulares em que viveis? Como responder, enquanto Família Salesiana e segundo o específico da nossa tradição sócio-cultural, à instância social de solidariedade com as novas pobrezas, com os mundos da marginalização e, particularmente, com a insatisfação e o mal-estar juvenil?

Recorde-se, na tarde desse primeiro dia, a apresentação de documentos dos vários grupos da Família Salesiana sobre o Sistema Preventivo: textos oficiais, estudos produzidos, experiências vividas, estruturas de apoio.

O segundo dia - sexta-feira 27 de janeiro - foi quase todo dedicado aos trabalhos em grupo, tanto para continuar o aprofundamento iniciado no dia anterior como para a leitura contextual dos documentos sobre o Sistema Preventivo, com a ajuda de um oportuno roteiro.

Significativa a “mesa redonda” realizada neste segundo dia sobre “*A vivência do Sistema Preventivo entre reflexão e exigências emergentes*”. Foram considerados sobretudo três ambientes concretos: a escola, o oratório e a família. Entrevieram respectivamente: P. Luigi Barraccu SDB, Ir. Maria Lucia Piva FMA e Sra. Ida Rinaldini.

O terceiro dia - sábado 28 de janeiro - foi particularmente denso, tendo sido nele colocadas três relações muito significativas, que ajudaram a perceber a Estréia e os valores do Sistema Preventivo em três momentos ou aspectos principais: o fundamento sapiencial e bíblico, as origens históricas e carismáticas e a atualização no hoje.

O primeiro aspecto foi proposto pelo prof. P. Guido Gatti, docente de Teologia Moral na UPS, com a relação intitulada: *Leitura sapiencial da liberdade evangélica*. “A mensagem moral cristã - disse o relator - é essencialmente anúncio de libertação: a moral cristã, ou se resolve no anúncio de liberdade ou não é verdadeiramente cristã”. O método educativo de Dom Bosco enraíza-se nesse valor evangélico de fundo e entende desenvolvê-lo e fazê-lo crescer na

existência concreta de cada jovem.

P. Pietro Braido, conhecido de todos pela sua competência de estudioso do Sistema Preventivo, especialmente em suas origens históricas e carismáticas, e pela experiência pedagógica que sabe transmitir, tratou do aspecto histórico com uma relação intitulada: *A praxe de Dom Bosco e o Sistema Preventivo*. Uma rica síntese sobre tudo aquilo que o Sistema Preventivo significou na vida e na ação de Dom Bosco, e o que diz hoje para a nossa praxe educativa.

Coube à Ir. Piera Cavaglià, docente na Faculdade de Ciências da Educação Auxilium, oferecer indicações para a aplicação do Sistema Preventivo concretamente vivenciado no hoje, nos contextos e na cultura da juventude do nosso tempo. A intervenção com o significativo título: *Reatualizar ou renovar o Sistema Preventivo?* propunha-se a individuar alguns “valores proféticos hoje” a partir das coordenadas de fundo do Sistema Preventivo.

Concluindo essa intensa jornada aconteceu uma segunda mesa redonda sobre: *O Sistema Preventivo no interior de algumas culturas hoje: problemas e perspectivas*.

O último dia - domingo 29 de janeiro - foi o que levou às “conclusões” da Semana.

Pela manhã, uma sólida relação do P. Juan Edmundo Vecchi, Vigário do Reitor-Mor, desenvolveu o tema: *O Sistema Preventivo como experiência de espiritualidade*. O intento, referindo-se à atualidade e à Estréia, foi assim expresso pelo relator: refletir “em quais condições uma praxe educativa entre liberdade e valores, pode tornar-se experiência espiritual e, vice-versa, em quais condições uma experiência de vida no Espírito pode propor-se como educadora da liberdade e orientá-la aos valores”.

Seguiu-se, ainda nessa manhã, a intervenção do Reitor-Mor, que apresentou a sua reflexão de *comentário à Estréia*. Partindo da reflexão sobre o “núcleo dinâmico da liberdade” (com um apelo, por isso, à leitura cristã da liberdade e ao desafio que a liberdade coloca na cultura hodierna, ao compromisso da educação), centralizou a atenção na resposta dada pelo Sistema Preventivo a esse desafio. Um “*novo Sistema Preventivo*”, disse o Reitor-Mor, em consonância com a “nova evangelização” e a “nova educa-

ção”: trata-se do “lançamento do carisma de Dom Bosco para o terceiro milênio!”.

O trabalho nos grupos continuou à tarde: cada grupo da Família Salesiana, trabalhando sobre seus próprios documentos e referindo-se às solicitações colhidas nos quatro dias de estudo, tiraram suas “conclusões”, com indicações e propostas que serão ilustradas nos Atos da Semana.

Mais tarde, após a comunicação dos grupos em assembléia, o Conselheiro para a Família Salesiana concluiu o encontro, que foi caracterizado também por um intenso clima de oração e de grande fraternidade salesiana (muito belos os encontros de fraternidade nas diversas noites).

5.3 Novos Inspetores

Apresentam-se alguns dados biográficos dos Inspetores nomeados pelo Reitor-mor com o seu Conselho na sessão invernal de dezembro '94 - janeiro '95.

1. *P. DÍEZ de la IGLESIA Isaac, inspetor de Bilbao (Espanha).*

P. Isaac DÍEZ de la IGLESIA sucede ao P. Ricardo Arias Gomez, no final do sexênio.

Nascido em Nidáguila, província de Burgos, Espanha, a 12 de novembro de 1949, Isaac Díez, após ter freqüentado o colégio salesiano de Zuazo, fez o noviciado em Urnieta, onde emitiu a primeira profissão salesiana a 16 de agosto de 1967.

Depois dos estudos filosóficos e do tirocínio prático, freqüentou teologia em Salamanca, onde foi ordenado presbítero a 18 de abril de 1976. No final dos estudos obteve a Licença em Teologia bíblica.

Trabalhou por vários anos (1979-87) em Santander com os pré-noviços, como animador e guia; em Santander foi também diretor por um sexênio, de 1987 a 1993.

Em seguida, em Bilbao, foi por um ano encarregado dos pré-noviços. Em 1994 foi nomeado diretor da casa de Baracaldo - Colégio, encargo que desenvolvia até agora. Ali encontrou o a nomeação para Inspetor.

2. P. FLAPPER Wim, inspetor da Holanda.

O sac. Wim (Wilhelmus) FLAPPER foi nomeado para guiar a

Inspetoria da Holanda, após os nove anos de serviço do P. André Asma,

Nasceu em Sneek, província de Friesland, nos Países Baixos, a 6 de março de 1946. Aluno do colégio salesiano de Ugchelen, sentiu o chamado à vida salesiana entrando no noviciado de Assel onde emitiu a primeira profissão a 16 de agosto de 1966.

Sucessivamente completou os estudos filosófico-pedagógicos e fez o tirocínio prático. Freqüentou a teologia em Nimega e foi ordenado presbítero em Sneek, sua cidade natal, a 2 de junho de 1974.

Nas casas da Inspetoria empenhou-se logo no trabalho pastoral. Ao mesmo tempo completava os estudos de teologia pastoral. Em 1980 foi chamado ao encargo de diretor e pároco em Schiedam, que desenvolveu por um sexênio. Em 1986 foi nomeado Vice-Inspetor. Desde 1990 era Delegado para a Família Salesiana e desde 1992 também diretor da casa de Leusden - Don Bosco.

3. P. FLORES REVELES Salvador, inspetor de Guadalajara (México).

P. Salvador FLORES REVELES é o novo Inspetor da Inspetoria de

Guadalajara, México. Sucede a Pascual Chávez, ao final do sexênio.

Nascido em San Luis de Potosí (S.L.P.), México, a 8 de janeiro de 1953, foi aluno do colégio salesiano na cidade natal, de onde passou ao noviciado de Jalostotitlán. Ali, ao final do ano de noviciado, emitiu a primeira profissão salesiana a 16 de agosto de 1969.

Freqüentou os estudos filosóficos no estudantado salesiano de Zapopan, fazendo depois o tirocínio prático em Guadalajara. Passou em seguida ao estudantado de Tlaquepaque para os estudos de teologia, ao final dos quais foi ordenado presbítero a 6 de janeiro de 1978.

Obtida a Licença em Teologia, foi logo empenhado em tarefas de animação pastoral e de ensino. Em 1987 foi chamado à responsabilidade de Vice-Inspetor, encargo que desenvolveu por um sexênio (até 1993). Em 1990 fora também nomeado diretor da casa inspetorial em Guadalajara. Em 1993 foi chamado a dirigir o estudantado teológico de Tlaquepaque, cargo que ocupava quando chegou-lhe a nomeação para Inspetor.

4. *P. HO Pedro (Kwong-Ling), inspetor de Hong Kong.*

P. Pedro HO sucede ao P. João Batista Zen, ao final do sexênio, como guia da Inspetoria chinesa, com sede em Hong Kong.

Ele nasceu em Macau a 23 de fevereiro de 1929. Após freqüentar o aspirantado salesiano em Macau, foi admitido ao noviciado, feito em Hong Kong, emitindo depois a profissão religiosa a 16 de agosto de 1949.

Após os estudos filosóficos em Hong Kong e o tirocínio prático, foi à Itália, estudantado de Messina, para o estudo da teologia. Em Messina foi ordenado presbítero a 29 de junho de 1959.

Iniciou seu trabalho educativo-pastoral com os aspirantes e noviços em Hong Kong, e em 1964 foi nomeado Mestre dos noviços, cargo que ocupou de 1964 a 1968 (com um ano de pausa transcorrido em Roma, UPS). De 1971 a 1974 foi Diretor em Macau, de 1975 a 1985 pároco em Hong Kong. Delegado inspetorial para os Cooperadores desde 1986, era Vice-Inspetor desde 1989.

5. P. VITALI Natale, inspetor da Inspeção do Chile.

1993 Vice-Inspetor e diretor da casa inspetorial.

O Reitor-Mor com o seu Conselho chamou o P. Natale VITALI para guiar a Inspeção do Chile. Ele sucede ao P. Alfredo Videla, que deixou o cargo por motivos de saúde.

Nascido em Montappone, província de Ascoli Piceno, na Itália, a 14 de maio de 1955, Natale Vitali foi aluno do aspirantado “São Domingos Sávio” de Roma (Roma-Mandriane), de onde passou ao noviciado de Vico Equense, emitindo a primeira profissão salesiana a 12 de setembro de 1969.

Depois dos estudos filosófico-pedagógicos, durante o tirocínio partiu para o Chile, inserindo-se plenamente na Inspeção chilena. Ali emitiu os votos perpétuos e frequentou a teologia no estudantado de Santiago, sendo ordenado presbítero pelo card. Raúl Silva Henríquez a 31 de julho de 1982.

Após a ordenação, dedicou-se a fundo ao trabalho educativo-pastoral. Em 1986 foi nomeado diretor de Talca “El Salvador” e em 1990 foi inserido no Conselho Inspetorial. Diretor depois (a partir de 1991) em “La Gratitude Nacional”, Santiago, foi nomeado em

5.4 Novos Bispos

Apresentam-se aqui os dados dos três novos Bispos salesianos, nomeados pelo Santo Padre nestes últimos meses.

1. Dom AIND Joseph, Bispo de DIBRUGARH, Índia.

A 23 de dezembro de 1994 foi publicada pelo *Osservatore Romano* a notícia de que o Santo Padre nomeara o sacerdote salesiano Joseph AIND Bispo da Diocese de Dibrugarh, na Índia.

Nascido a 5 de novembro de 1945 em Nahorabi, diocese de Dibrugarh, no Assam (Índia), Joseph Aind fez o noviciado salesiano em Shillong, ao final do qual emitiu a profissão salesiana a 24 de maio de 1968.

Depois dos estudos filosóficos e da prova prática do tirocínio, frequentou os estudos de teologia em Shillong, sendo ordenado padre em Dibrugarh a 27 de novembro de 1976.

Diretor da casa de Shillong “St. Paul” em 1981, foi Conselheiro

inspetorial nos anos 1982-1988 e 1990-1993. Em 1983 fora nomeado diretor da casa de Tangla e em seguida de 1986 a 1992 da casa de Shillong “Juniorate”. Desde 1992 era pároco na paróquia salesiana de Dimakuchi.

2. *Dom ZERBINI Giovanni, Bispo de Guarapuava, Brasil.*

O *Osservatore Romano* de 12 de janeiro de 1995 noticiava a nomeação, pelo Santo Padre, do sacerdote salesiano Giovanni ZERBINI, para Bispo de Guarapuava (Paraná, Brasil).

Nascido a Chiari, diocese de Brescia (Itália), a 29 de dezembro de 1927, freqüentou o aspirantado salesiano de “San Bernardino” em Chiari, de onde passou ao noviciado de Montodine, emitindo ai a primeira profissão religiosa a 16 de agosto de 1946.

Percorreu as etapas do ciclo formativo na Itália: freqüentou o liceu e os estudos filosóficos em Nave (Brescia), fazendo depois o tirocínio prático em Ferrara e Modena; em seguida em Monteortone (Pádua) seguiu o curso de teologia. Em Monteortone foi ordenado presbítero a 29 de junho

de 1956, obtendo depois a licença em Pedagogia.

Após uma breve permanência no Instituto salesiano de Modena, partiu para a Inspeção de Campo Grande, Brasil, onde desenvolveu intenso ministério, com encargos de responsabilidade. Diretor de Campo Grande “São Vicente” (1966-72), de Araçatuda (1972-75), foi nomeado Ecônomo inspetorial, encargo que desenvolveu até 1983. Em seguida foi diretor de Campo Grande “São José”, de Cuiabá “São Gonçalo” e Corumbá “Cidade Dom Bosco”. Foi delegado ao CG22. Após breve retorno à Itália para cuidados médicos, à sua volta ao Brasil fora nomeado diretor do pós-noviciado em Campo Grande, quando alcançou a nomeação pontifícia. Foi consagrado Bispo em Chiari, sua cidade natal, a 19 de fevereiro, pelo Bispo de Brescia, presente o Arcebispo de Curitiba e muitos outros Bispos da Conferência do Paraná, na Itália para a visita “ad limina”.

3 *Dom Carlos María COLLAZZI, Bispo de Mercedes, Uruguai.*

A 14 de fevereiro de 1995 o *Osservatore Romano* anunciava

que o Santo Padre tinha eleito Bispo da Diocese de Mercedes, Uruguai, o nosso irmão *sac. Carlos María COLLAZZI IRAZABAL*. Ele sucede a Dom Andrés Rubio García SDB.

Carlos Maria Collazzi nasceu em Rosario (Colonia, Uruguai) a 20 de setembro de 1947 e é salesiano desde 1974, tendo emitido a primeira profissão a 31 de janeiro de 1974 em Montevideo-Manga, ao final do ano de noviciado.

Feitos os estudos teológicos e o tirocínio prático, frequentou o curso de teologia em Montevideo e foi ordenado presbítero a 4 de outubro de 1980 em Rosario, sua cidade natal.

Completo depois os estudos em Roma, na Universidade Pontifícia Salesiana, obtendo Licença em Teologia.

Retornando ao Uruguai desenvolveu intenso ministério pastoral e salesiano. Foi formador por vários anos no noviciado e pós-noviciado de Montevideo, e professor de Teologia moral. Desde 1992 era pároco na grande paróquia “S. Maria da Igreja” em Villa Colón.

5.5 Publicado pelo Instituto Histórico Salesiano o primeiro volume da “Bibliografia geral de Dom Bosco”

Foi publicado pela LAS (Libreria Ateneo Salesiano, Roma) para o Instituto Histórico Salesiano, o primeiro volume da BIBLIOGRAFIA GENERALE DI DON BOSCO, cuidada pelo P. Saverio Gianotti SDB. Trata-se do volume relativo à Bibliografia Italiana nos anos 1844-1992.

É um trabalho que o Instituto Histórico estava realizando há alguns anos, e que era esperado.

Esse volume, primeiro na série das bibliografias, compreende o repertório dos escritos impressos de Dom Bosco e a coleção das publicações sobre ele em língua italiana, à espera de um segundo volume que recolherá as publicações em outras línguas.

São expostos na introdução os critérios seguidos na divisão e catalogação dos textos, enquanto nos dois índices analíticos (por autores e por assuntos) se oferece uma visão de conjunto deles. Os títulos (mais

de 3.000) estão catalogados em ordem cronológica, que favorece sua ambientação e ilumina seu progressivo desenvolvimento.

A obra é não só preciosa para estudiosos e pesquisadores, aos quais fornece um instrumento es-

sencial para o seu trabalho, mas será certamente muito útil para as bibliotecas (primeiramente as salesianas) às quais a bibliografia oferece um ponto de referência a respeito das publicações do e sobre o nosso Fundador.

5.6 Estatística do pessoal salesiano em 31.12.1994

Insp	Tot. 1993	Professos temporários				Professos perpétuos				Tot. professos	Noviços	Tot. 1994
		L	S	D	P	L	S	D	P			
AFC	235	13	39	0	0	28	10	0	131	221	12	233
AFE	89	1	14	0	0	17	13	0	67	112	13	125
AFM	62	0	3	0	0	5	0	0	51	59	2	61
ANT	159	3	36	0	0	14	8	0	93	154	1	165
ABA	202	2	16	0	0	13	8	0	147	186	4	190
ABB	148	0	7	0	1	16	9	0	111	144	145	
ACO	169	3	22	0	0	11	7	0	111	154	4	158
ALP	105	8	5	0	0	10	6	0	74	103	6	109
ARO	150	4	22	0	0	17	14	0	89	146	5	151
AUL	125	2	13	0	0	22	1	0	85	123	1	124
AUS	136	2	10	0	0	12	1	1	103	129	3	132
BEN	217	1	7	0	0	22	7	0	174	211	3	214
BES	105	4	2	0	0	9	1	0	85	101	1	102
BOL	158	12	40	0	0	15	8	0	74	149	14	163
BBH	162	3	9	0	0	23	5	0	116	156	3	159
BCG	160	3	23	0	0	24	6	0	100	156	3	159
BMA	132	5	28	0	0	19	8	0	70	130	2	132
BPA	110	0	13	0	0	10	6	0	80	109	3	112
BRE	94	4	14	0	1	13	3	0	56	91	4	95
BSP	217	0	23	0	0	34	10	0	142	209	10	219
CAM	258	13	37	0	0	25	16	0	151	242	10	252
CAN	32	0	1	0	0	5	1	0	33	40	0	40
CEP	216	7	42	0	1	7	9	1	141	208	0	208
CIL	259	6	45	0	0	20	17	0	160	248	13	261
CIN	143	1	4	0	0	36	6	0	90	137	2	139
COB	199	1	28	0	0	34	6	0	117	186	7	193
COM	166	4	32	0	0	19	7	0	98	160	8	168
CRO	90	0	7	0	0	6	4	0	65	82	7	89
ECU	243	3	28	0	0	24	5	0	170	230	8	238
EST	87	0	28	0	1	1	2	0	56	88	12	100

72 ATOS DO CONSELHO GERAL

Insp	Tot.	Professos temporários				Professos perpétuos				Tot.	Noviços	Tot.
	1993	L	S	D	P	L	S	D	P	professos		1994
FIN	215	9	42	0	0	20	11	0	122	204	12	216
FIS	185	18	75	0	0	13	3	1	67	177	17	194
FLY	161	0	4	0	0	32	3	0	118	157	0	157
FPA	233	5	10	0	0	32	2	0	170	219	5	224
GBR	144	0	7	0	0	16	3	0	113	139	1	140
GEK	175	4	12	0	0	38	3	0	116	173	2	175
GEM	285	6	15	0	0	62	7	1	185	276	5	281
GIA	150	2	30	0	0	19	4	0	94	149	4	153
HAI	53	2	20	0	0	1	3	0	27	53	8	61
INB	279	6	78	0	0	20	21	0	139	264	4	268
INC	334	4	72	0	0	37	22	0	181	316	20	336
IND	193	4	52	0	0	6	16	0	113	191	9	200
ING	306	2	82	0	0	25	24	0	165	298	19	317
INH	129	4	46	0	0	3	16	0	60	129	10	139
INK	237	4	67	0	0	8	23	0	128	230	24	254
INM	429	4	129	0	0	30	59	0	195	417	29	446
IRL	134	5	8	0	0	9	2	0	100	124	0	124
IAD	166	1	12	0	0	29	2	0	118	162	2	164
ICP	897	11	41	0	0	220	13	1	561	847	8	855
ILE	452	7	38	0	0	65	12	0	315	437	8	445
ILT	210	1	10	0	0	37	5	1	155	209	7	216
IME	326	1	23	0	0	47	7	0	238	316	5	321
IRO	327	1	13	0	0	70	4	2	227	317	3	320
ISA	81	1	3	0	0	7	2	0	64	77	0	77
ISI	327	1	14	0	0	31	4	0	264	314	2	316
IVE	289	2	25	0	0	53	8	1	192	281	6	287
IVO	237	2	10	0	0	48	4	0	168	232	2	234
KOR	79	7	27	0	0	12	4	0	27	77	7	84
MDG	56	0	19	0	0	8	4	0	27	58	3	61
MEG	221	11	54	0	0	10	11	0	136	222	11	233
MEM	221	12	57	0	0	3	13	0	110	205	6	211
MOR	171	6	21	0	1	25	6	0	97	156	6	162

Insp	Tot.	Professos temporários				Professos perpétuos				Tot.	Noviços	Tot.
	1993	L	S	D	P	L	S	D	P	professos		1994
OLA	83	0	3	0	0	23	0	1	56	83	0	83
PAR	102	1	21	0	0	8	4	0	63	97	6	103
PER	170	9	31	0	0	13	9	0	104	166	12	178
PLE	407	5	90	0	0	19	26	0	184	324	22	346
PLN	340	1	83	0	0	12	27	0	193	316	15	331
PLO	245	3	30	0	0	3	24	0	180	240	2	242
PLS	256	0	64	0	0	11	20	0	156	251	12	263
POR	200	5	19	0	0	51	6	1	115	197	4	201
SLK	231	4	75	0	1	12	5	0	124	221	13	234
SLO	140	2	13	0	0	15	7	0	100	137	2	139
SBA	256	0	16	0	0	40	9	0	183	248	7	255
SBI	263	6	22	0	0	56	24	0	148	256	4	260
SCO	145	4	18	0	0	8	4	2	105	141	6	147
SLE	268	8	13	0	1	69	14	0	154	259	3	262
SMA	415	10	32	0	0	100	17	0	245	404	5	409
SSE	188	2	17	0	0	32	5	0	125	181	4	185
SVA	211	4	19	0	0	33	12	0	138	206	3	209
SUE	236	2	10	0	0	47	3	0	167	229	3	232
SUO	123	3	10	0	0	25	1	0	77	116	3	119
THA	106	4	13	0	0	12	3	0	72	104	7	111
UNG	80	1	12	0	2	4	0	0	53	72	3	75
URU	146	1	20	0	0	7	3	0	108	139	2	141
VEN	248	7	33	0	0	18	11	1	165	235	14	249
VIE	114	7	28	0	0	13	31	0	34	113	8	121
ZMB	0	1	10	0	0	3	4	0	36	54	5	59
UPS	128	0	0	0	0	14	0	0	112	126	0	126
RMG	88	0	0	0	0	8	0	0	67	85	0	85
T.	17519	338	2416	0	9	2223	794	14	11096	16890	582	17472
Bisp.	91	89	89									
T.	17610	38	2416	0	9	2223	794	14	11096	16979	582	17561

Notas: 1) Em 1994 tiveram início duas novas Circunscrições: ZMB (anteriormente Delegação de PLE) e EST (antes ligada diretamente ao Reitor-Mor através do Delegado para a Polônia). Além disso, passaram à AFE as casas ICP no Quênia e a casa de Uganda (pertencentes antes à PLE); também a casa de Edmonton (SUO) passou ao Canadá (CAN). Isso tudo explica alguma mudança de pessoal.

2) Os dados de HAI e VIE não são totalmente seguros.

5.7 Irmãos falecidos (1995 - 1ª lista)

“A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor. ... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão” (Const. 94).

NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
P ALESSI Antonio	Bombaim	8.01.95	88 NB
<i>Foi Inspetor per 14 anos</i>			
P ARAMENDIA ARTETA Mario	México	02.03.95	86 MEM
P ARGUELLO ORTIZ Sandalio	Concepción	18.01.95	74 PAR
P ARMELLES José Miguel	Cabezo de Torres	29.12.94	93 SVA
P BAGAVANTHA Raju Anthony	Madrasta	31.01.95	82 INM
L BENAZZATO Luigi	Negrar (Verona)	25.02.95	81 IVO
P BERNAERT Georges	Herent	07.02.95	78 BEN
P BIANCHI Antonio	Roma	27.12.94	90 IRO
P BLONSKI Marian	Zloczew	15.12.94	76 PLE
P BROWN Thomas	Tampa	11.02.95	56 SUE
P CABIALE Giovanni	Buenos Aires	16.02.95	79 ABB
P CAPPELLI Azelio	Indápolis	09.02.95	81 BCG
P CAVALLETTI Pietro	Castellammare di Stabia	14.02.95	86 IME
P CHESSA Antonio	Bessude (Sassari)	10.02.95	66 ISA
P CONTI Ettore	Frascati	27.01.95	71 IRO
P de SOUSA José Pinto	Porto	06.02.95	66 POR
L dos ANJOS Francisco Gomes	Recife	21.12.94	70 BRE
P dos SANTOS Manuel Joaquim	Macao	24.12.94	59 POR
P DOSSI Renato	Arese	10.01.95	90 ILE
P ESPINOSA LEON Rafael Antonio	Sutatenza	08.01.95	79 COM
P FIVAZ Philémon	La Crau-La Navarre	25.11.94	86 FLY
P FRITZ Emil	Müthldorf	19.12.94	80 GEM

NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
P GARCIA ALFARO Agustín	Santa Tecla	21.12.94	86 CAM
P GEMMELLARO Giuseppe	Roma	23.10.94	83 UPS
P GHIGO Francisco	San Luis	13.01.95	73 ACO
P GIMENO ALONSO Clemente	Barcelona	06.02.95	78 SBA
P GIUA Piero	Cagliari	29.01.95	78 ISA
P GOMEZ Heraldo Manuel	Campodónico (Bs. As.)	28.12.94	68 ALP
L GOMEZ ZAMBRANO Angel	Coveñas (Sucre)	04.01.95	80 COM
P GRISSETTI Arturo	São Francisco	07.01.95	81 SUO
P GUMMERSBACH Heinrich	Velbert	21.01.95	87 GEK
P JEGANATHAN Chinnapa	Madrasta	22.12.94	68 INM
L JORDANA RAMONEDA Antonio	Pamplona	01.01.95	85 SBI
P KIZHAKKEYIL Jacob	Aluva	20.12.94	64 INK
P KNAPP Otto	Graz	13.09.94	46 AUS
P LANG Jan	Lizski	15.12.94	73 PLS
P MACAK Ludovit	Bratislava	19.12.94	73 SLK
P MANENTI Emanuele	Cipolletti	13.09.94	75 ABB
P MASOERO Luigi (Cavalli)	Bellflower	15.02.95	88 SUO
P MAZZARELLO Luigi	Santiago	26.12.94	80 CIL
P MERLINO Alfredo	Salto	25.12.94	76 URU
L MONDE Felix	Nimega	05.01.95	77 OLA
L MONTANA Francesco	Catania	18.01.95	79 ISI
P NANNI Italo	Roma	28.01.95	80 IRO
L NARDIN Carlo	Macerata	29.11.94	83 IAD
P NYERS János	Graz	12.02.95	74 AUS
P PAULY Herman	Boortmeerbeek	22.02.95	78 AFC
P POLACARZ Józef	Oswięcim	05.02.95	68 PLS
L PORRAS BENITEZ Enrique	Sevilha	22.02.95	79 SSE
L PRIETO BAEZ Fermín Angel	Bilbao	21.11.94	88 SBI
P RAIMONDI Giuseppe	Varazze	23.12.94	75 ILT
L ROBAKOWSKI Józef	Lódz	18.12.94	80 PLE
P ROMANO Vincenzo	Castellammare di Stabia	09.02.95	79 IME
P RUIZ Mateo José	Buenos Aires	16.07.94	87 ABA

NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
L SALAMEH Issa	Belém	03.03.95	80 MOR
P SEAU François	Caen	09.12.94	78 FPA
P SEROT Emile	Caen	22.01.95	79 FPA
P SILVA Manoel Leonardo	Londrina	11.02.94	72 BSP
L SIMONDI Piero	Châtillon	14.02.95	76 ICP
L SQUIZZATO Augusto	Puebla	07.01.95	84 MEM
P STANEK Jan	Szczecinek	10.01.95	86 PLN
P SWIDA Andrzej	Varsóvia	19.02.95	89 PLE
<i>Foi Inspetor por 6 anos</i>			
P TAVERNA Paolo	Calcutá	26.01.95	80 INC
P TIBILETTI Carlo	Macerata	04.02.95	81 IAD
P TONELLO Pietro	Guwahati	20.01.95	91 ING
L van den BROM Jordan	Rijswijk	24.12.94	68 OLA
S VILLAGRA CORONADO Jorge Eduardo	Granada	18.12.94	32 CAM

Nota: Neste primeiro elenco de 1995 estão incluídos também os irmãos falecidos em 1994, cuja anúncio chegou no final do ano (ou por engano não foram inseridos nas listas anteriores).





Impresso pelas

ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS

Rua Dom Bosco, 441 - Fone: (011) 277-3211

03105-020 - Mooca - São Paulo - SP